



A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA EM BELÉM E ANANINDEUA (PARÁ)

Thomas A. Mitschein
Jadson F. Chaves
Tadeu O. Gonçalves
Valdemir C. Monteiro



**Governo do Pará
Secretária de Estado de Assistência Social
Universidade Federal do Pará
Instituto de Educação Matemática e Científica
Programa Interdisciplinar Trópico em Movimento**

A população em situação de rua em Belém e Ananindeua (Pará)

Thomas A. Mitschein
Jadson F. Chaves
Tadeu O. Gonçalves
Valdemir C. Monteiro

BELÉM DO PARÁ



**A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA
EM BELÉM E ANANINDEUA (PARÁ)**



P825 A população em situação de rua em Belém e Ananindeua (Pará)/
Thomas A. Mitschein ... et al. ___ Belém: IEMCI/ UFPA, 2014.

86 p.

ISBN 978-85-62892-16-5

1. Pessoas desabrigadas – Belém (PA). 2. Pobreza urbana – Belém (PA). 3. Exclusão social – Belém (PA). 4. Pessoas desabrigadas – Ananindeua (PA). 5. Pobreza urbana – Ananindeua (PA). 6. Exclusão social – Ananindeua (PA). I. Mitschein, Thomas A.

CDD 305.56098115



**A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA
EM BELÉM E ANANINDEUA (PARÁ)**



Colaboradores especiais:

Andreici Marcela Oliveira
Ailton Pires Lima
Breno Imbiriba
Claudionor Dias
Erika Estumano



**A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA
EM BELÉM E ANANINDEUA (PARÁ)**



Sumário

Apresentação	6
Introdução	7
1. O espaço urbano no <i>continente amazônico</i> - Internalizando os efeitos nocivos de um modelo de crescimento desequilibrado e não corrigido ..	10
1. 1 Aspectos do perfil social e econômico de Belém do Pará e Ananindeua	19
<input type="checkbox"/> População	19
<input type="checkbox"/> Déficit educacional	20
<input type="checkbox"/> Proporção das pessoas que vivem entre a linha da indigência e da pobreza e abaixo da linha da indigência.....	20
<input type="checkbox"/> Uma economia local que está sendo dominada por um setor terciário hipertrofiado.....	21
2. A pesquisa de campo - Procedimento metodológico	23
2. 1 Contagem dos moradores em situação de rua	23
2. 2 O Plano Amostral	29
2. 3 Entrevistas abertas	31
3. A população entrevistada	31
3. 1 Dados gerais	31
3. 2 Tempo de permanência na rua	35
3. 3 O porquê da escolha da rua como espaço de sobrevivência.....	37
3. 4 Drogas e violência.....	40
3. 5. Ocupação, renda, alimentação e saúde.....	44
3.6 Ajuda caritativa, assistência social e a sobrevivência da esperança de poder iniciar uma vida nova	51
3. 7. A sobrevivência na <i>selva urbana</i> na narrativa de 20 pessoas que sofrem diariamente os seus impactos devastadores	56
4. A população em situação de rua - a ponta do <i>iceberg</i> das mazelas sociais de um ambiente urbano estruturalmente excludente	77

A guisa de uma conclusão - Sobre a necessidade de fomentar a criação de uma civilização original da biomassa que prioriza as potencialidades endógenas de desenvolvimento dos Municípios amazônicos..... 80

Referencias..... 85



Apresentação

PUBLICAÇÕES TRÓPICO EM MOVIMENTO apresenta seu primeiro número: **A população em situação de rua em Belém e Ananindeua (Pará)**.

Divulga-se o resultado de pesquisa de campo sobre as condições de vida de um segmento populacional praticamente excluído das estatísticas oficiais.

Seus autores e colaboradores especiais - Thomas A. Mitschein, Jadson F. Chaves, Tadeu O. Gonçalves, Valdemir C. Monteiro, Andreici Marcela Oliveira, Aílton P. de Lima, Breno Imbiriba, Claudionor Dias, Erik Estumano - têm um olhar ampliado sobre a realidade. O que se deve à interdisciplinaridade de suas formações, um dos objetivos do Programa Trópico Úmido

A população em situação de rua em Belém e Ananindeua (Pará) contextualiza o tema, e leva em conta o *inchaço* desenfreado do espaço urbano na Amazônia, causas e conseqüências, além de identificar as estruturas sociais e econômicas dos dois municípios pesquisados.

No campo, os pesquisadores dão voz aos homens e mulheres que fazem da rua seu lugar de vida; gritam suas razões e até suas *derrazões*.

Os autores deixam claro que o sofrimento da população pesquisada é apenas a ponta do *iceberg* de um espaço urbano estruturalmente excludente. "... a conquista do direito à cidade por parte das classes subalternas não rima com a lógica reprodutiva de um modelo de desenvolvimento meramente mimético, alimentado, por sua vez, pelo preconceito de que 'as sociedades ocidentais constituem o fim da história humana'", refletem os autores.

Porém este estudo vai além do diagnóstico a que se propõe: indica haver caminhos de superação da terrível realidade que retratam. Uma política de *reinvenção* da Amazônia na construção de uma moderna civilização da biomassa. Proposta já compartilhada por muitos e abraçada, definitivamente, pelo Programa TRÓPICO EM MOVIMENTO.

A realização da pesquisa pela Universidade Federal do Pará, UFPA, e Fundação Amparo e Desenvolvimento da Pesquisa, FADESP - é fruto de cooperação com o Governo do Estado do Pará, através de sua então Secretaria de Estado de Assistência Social.

Nazaré Imbiriba
Coordenadora do Conselho Editorial
Programa Trópico em Movimento

Introdução

Conforme o Governo Federal (2008, p.8), a **População em Situação de Rua** nos Municípios brasileiros representa "um grupo populacional heterogêneo, composto por pessoas com diferentes realidades, mas têm em comum a condição de pobreza absoluta, vínculos interrompidos ou fragilizados e falta de habitação convencional regular, sendo compelido a utilizar a rua como espaço de moradia e sustento, por contingência temporária ou de forma permanente."¹ Se apresenta, portanto, para as instâncias públicas como um ator invisível, uma vez que não entra nas pesquisas do IBGE que possuem como base o domicílio em sua metodologia de contagem. Ciente desse *buraco negro* nas estatísticas oficiais do país, o Ministério de Desenvolvimento Social promoveu em 2007 a primeira pesquisa sobre o perfil social e econômico desse ator social (gênero, faixa etária, formação educacional, trabalho e renda, saúde, segurança alimentar, acesso à documentação e serviços públicos etc.):

- Envolvendo 71 Municípios com uma população igual ou superior de 300.000 habitantes que identificou 31.922 pessoas (maiores de 18 anos) e,
- Chegando a um *ranking* municipal, no qual se destacam Rio de Janeiro, Salvador, Curitiba, Brasília, Fortaleza, São José dos Campos e Campinas, onde os números apurados oscilam entre 4.585 e 1.027 moradores que se encontram em situação de rua².

Assim deu um passo essencial para a formulação de políticas públicas para um segmento social, cujos integrantes sofrem uma extrema privação de bens materiais e culturais e, em seu cotidiano, tendem a ser discriminados como os *parias* da sociedade brasileira.

1 Relatório do Primeiro Encontro Nacional da População em Situação de Rua, realizado em 2005, Ministério de Desenvolvimento Social, Brasília, p. 5)

² Relatório Final, Primeiro Censo Nacional e Pesquisa Amostral sobre a População em Situação de Rua, Volume 1, Instituto de Pesquisa de Opinião, Março de 2008.

Partindo desta mesma preocupação, apresentaremos nesta publicação os resultados de uma pesquisa de campo sobre as condições de vida da população em situação de rua em Belém do Pará e Ananindeua.

No que diz respeito à organização do seu conteúdo, abordaremos no **primeiro capítulo** o *inchaço* desenfreado do espaço urbano na região amazônica como resultado da implantação de um modelo de crescimento desequilibrado e não corrigido que nega à esmagadora maioria das camadas sociais de baixa renda o *direito à cidade* (Mitschein,Chaves 2013). Num segundo momento, focalizaremos aspectos básicos da estrutura social e econômica dos dois municípios em questão.

No **segundo capítulo**, familiarizaremos os leitores com o procedimento metodológico da pesquisa de campo que envolvia análises quantitativas por técnicas de amostragem, entrevistas qualitativas e a localização geográfica dos pontos de concentração da população em questão em Belém, Ananindeua, Mosqueiro e Icoaraci.

No **terceiro capítulo**, apresentaremos um resumo dos dados levantados e a voz de vinte pessoas que discorrem sobre a sua vida cotidiana na rua. Nele externamos, também, a nossa convicção de que uma política de assistência social que está disposta de consolidar e ampliar o trabalho dos assim chamados Centros de Referência *Centros Referências Especializadas (Centros POP)* acenderá, sem sombra de dúvida, uma luz na escuridão do túnel, em que vivem os moradores em situação de rua em Belém e Ananindeua.

No **quarto capítulo**, chamamos atenção que, na realidade dos dois Municípios, a população pesquisada representa a ponta do *iceberg* das mazelas sociais de um ambiente urbano estruturalmente excludente que nega aos setores populares de baixa renda o atendimento de suas necessidades mais básicas em áreas como saúde, saneamento, segurança alimentar, renda familiar, mas, ao mesmo tempo, os insere como *consumidores subprivilegiados* no mundo mercadológico do capitalismo global. Trata-se de um cenário que, em nossa avaliação, revela com nitidez que a conquista do *direito à cidade* por parte das classes subalternas não rima com a lógica reprodutiva de um modelo de desenvolvimento meramente mimético, alimentado, por sua vez, pelo **preconceito** de que "as sociedades ocidentais

constituem o fim da história humana"(Morin 2013,p. 31). O que ela pressupõe é a definição e a implementação de uma política de *reinvenção da Amazônia* que insista na transformação das áreas já alteradas da região num berço de uma moderna civilização da biomassa. Abordaremos este desafio através de uma rápida pincelada no **último capítulo** desta publicação.

1. O espaço urbano no *continente amazônico* - Internalizando os efeitos nocivos de um modelo de crescimento desequilibrado e não corrigido

No debate ecológico internacional, a Amazônia brasileira costuma a ser abordada como um dos mais importantes pólos da biodiversidade desta sociedade planetária. Na vida real, continua sendo uma região periférica de um país emergente que abriga 10% do seu efetivo demográfico e contribui para o PIB nacional com modestos 5%. Descoberta há 50 anos pela tecnoburocracia do Governo Federal como possível alavanca para o progresso social e econômico da nação, a Amazônia tornou-se objeto de um modelo de desenvolvimento que os seus idealizadores chamaram de *desequilibrado e corrigido* (Sudam 1976). *Desequilibrado* porque favorecia aqueles setores econômicos (Mineração, Extração Madeireira, Pecuária, Pesca Empresarial, Lavouras Seleccionadas, Indústrias Eletrolíticas e Eletrotérmicas), dos quais se esperava vantagens comparativas no âmbito do mercado mundial. E *corrigido* porque previa intervenções por parte do Estado para mitigar os desequilíbrios que a implementação do mencionado modelo trazia necessariamente em seu bojo. Contudo, o que a ação corretiva da *mão pública* pressupõe, além da capacidade técnica de planejamento, é ter *poder de fogo* em termos financeiros. No entanto, fatores como o pagamento dos encargos da dívida externa, modestas taxas de crescimento econômico e, certamente, o avanço das receitas do *fundamentalismo de mercado* fizeram com que este *poder de fogo* minguasse expressivamente nas duas décadas antes da virada do século. Em consequência disso, no âmbito da *fronteira tropical* a *administração* dos conflitos sociais entre atores tão diferentes como trabalhadores sem terra, garimpeiros, povos indígenas, grandes empresas de mineração, pecuaristas ou madeireiros, passava cada vez mais para os protagonistas políticos nas esferas municipais e estaduais dentro da própria região. Mas considerando que este processo de “*revigoração do poder local e regional*” (Rocha 2008, p. 44) era o resultado da crise de um projeto de modernização nacional, os poderes locais supostamente revigorados em momento nenhum estavam dispostos dos meios técnicos e financeiros para enfrentar de fato os problemas sócio- econômicos e ambientais que estavam enfrentando diariamente. E, como cabe realçar, continuam vivendo nesta

mesma situação. Na região inteira! Apesar do fato de que, na década passada, o governo federal tem insistido na retomada do papel do Estado como indutor do desenvolvimento nacional, substituindo a *mercantilização* da política dos tempos neoliberais por um modelo de *capitalismo organizado*, que gira em torno da função estruturante das instituições públicas. Mas que obviamente não foge das imposições de um sistema econômico global que obriga todos os seus *stakeholders* de *rezar o pai nosso* da competitividade sistêmica, aprofundando, assim, a polarização social e econômica entre e dentro dos territórios do espaço nacional e perpetuando, fatalmente, a condição da Amazônia como refém do mencionado modelo de crescimento desequilibrado que, por sua vez, atingiu especialmente o Pará. Tendo sido o palco estratégico da assim chamada valorização da região amazônica durante o ciclo dos governos militares (Morais, da Costa 1984), este Estado se destaca atualmente por uma característica bastante peculiar. Contribui para o PIB nacional com modestos 2, 1%, mas joga na área do comércio exterior como *time grande*, ocupando entre os estados exportadores do Brasil o sexto lugar.

Tabela 1 - Valor corrente do PIB do Brasil, da Região Norte e do Estado no Pará em 2010

Grandes regiões e unidades da Federação	Produto Interno Bruto	
	Valor Corrente (1000 000 R\$)	Participação %
Brasil	3 770 085	100,0
Norte	201 511	5,3
Pará	77 848	2,1

Fonte: Contas Regionais do Brasil, IBGE 2010, elaboração própria

Ganha, portanto, *hard cash* para o país inteiro; porém, nesta condição, está sendo prejudicado pela Lei Kandir que, desde setembro de 1996, isenta do tributo ICMS os produtos e serviços destinados aos mercados externos. No caso paraense, a pauta destes bens é dominada pela mineração, pela indústria madeireira e pela pecuária que conjuntamente representam hoje as

locomotivas da economia do Estado, mas, ao mesmo tempo, revelam baixos níveis de agregação de valor, gerando ténues efeitos de ocupação e emprego e renda. E já que os setores mineral e madeireiro estão alocando os seus investimentos de acordo com a ocorrência geográfica das matérias primas que são do seu interesse, estão potencializando de forma dramática a polarização sócio-econômica no âmbito do Estado. Uma polarização que, por sua vez, manifesta-se através da concentração da produção de crescentes parcelas do PIB estadual num número decrescente de suas unidades territoriais. Fazemos questão de ilustrar esta tendência a partir das atividades do setor mineral na região sudeste do Estado do Pará que deram os seus primeiros passos mais sólidos com a implantação do Ferro Carajás. Trata-se de um Programa, cujas perspectivas de rentabilidade têm sido avaliadas, num primeiro momento, com bastante ceticismo por diversos observadores, que duvidavam que, depois do boom pós-guerra, as indústrias siderúrgicas do hemisfério Norte poderiam demandar, na escala desejada, o minério da Serra dos Carajás. Seguiam, desta maneira, um raciocínio que não contava com o espetacular crescimento econômico de países emergentes como a China que se tornou o maior comprador dos minérios extraídos no Pará. No entanto, o aproveitamento de recursos naturais não renováveis, por mais que a sua escala esteja aumentando vertiginosamente, não representa garantia nenhuma para que os territórios que hospedam tais atividades, estejam caminhando rumo à sustentabilidade social e econômica. Considerando que no Brasil a política tributária é prerrogativa da esfera federal, os representantes das instancias estaduais e municipais estão sem nenhuma ingerência neste campo específico. Precisam aceitar a *lei Kandir* que, ao liberar bens e serviços exportados da taxaçoão do ICMs, aumenta a competitividade internacional das empresas do setor mineral, melhora - em situaçoões de demanda aquecida por insumos minerais - o desempenho da balança comercial do Brasil e deixa os paraenses literalmente com o *pires na mão* diante do cenário da destruiçoão sócio-ambiental em seu próprio quintal. E, também, não têm como não aceitar o fato de que, nas condiçoões da legislaçoão atual, as mineradoras precisam pagar *royalties* somente àqueles municípios que abrigam a atividade mineral. Trata-se de uma regra que incentiva a transformaçoão de municípios vizinhos

em primos ricos e primos pobres, aprofundando, desta maneira a polarização sócio-econômica dentro do próprio contexto mesorregional. Além disso, é preciso lembrar que, uma vez implantados, os grandes projetos minerais, pelo fato de serem altamente capital-intensivos, estão proporcionando a partir do momento de sua operação apenas tênues efeitos de ocupação, emprego e renda em nível local. Em princípio, poderia se enfrentar esta problemática através da implementação de estratégias ousadas de verticalização no setor mineral. E não há falta de planos que pretendem caminhar nesta direção. Cabe mencionar aqui o projeto *Aços Laminados do Pará* (Alpa). Visa a ampliação da cadeia de ferro no Estado através da implantação de uma usina industrial no Município de Marabá que deve chegar a uma produção de até 10 milhões de toneladas de placas e bobinas laminadas, envolvendo em sua primeira fase um investimento de US\$ 3,7 bilhões e prevendo, inclusive, linhas de beneficiamento das placas de aço semi-acabadas através de uma parceria industrial entre a Vale e Grupo Aço Cearense.

Não é a nossa intenção de especular aqui e agora sobre o futuro deste projeto, cuja realização foi decidida em março de 2008 numa reunião no Palácio de Planalto em Brasília entre representantes do Governo Federal, da Vale e do Governo Estadual. Mas fazemos questão de chamar atenção que as reduções significativas de custo, alcançadas nas últimas décadas, na área do transporte internacional, não incentivam as mineradoras a apostar na montagem de amplos e diversificados parques industriais em regiões que estão distantes dos grandes mercados da economia mundial. Na realidade, estimulam-nas a continuar exportando as riquezas minerais dos solos amazônicos com baixos níveis de valor agregado. Aliás, a partir de um regime de acumulação que, determinado pela imperiosa necessidade de anular o espaço pelo tempo, acaba se impondo na própria paisagem física da região através do crescimento de assentamentos humanos que, em sua essência, funcionam como pontos focais da circulação de um excedente de mão de obra para os períodos da construção dos grandes empreendimentos da indústria mineral e da implantação e da ampliação das vias de escoamento dos seus produtos para os mais diversos mercados internacionais. Exemplos

paradigmáticos desta lógica urbanizadora são os municípios de Parauapebas e Canaã dos Carajás.

O primeiro, criado nos anos de 1980 do século passado como uma vila improvisada para garantir o fornecimento de mão de obra e de insumos industriais complementares ao *Ferro Carajás*, faz parte hoje das 11 unidades municipais do Pará que abrigam mais de 100.000 habitantes. E o segundo, nascido na mesma época como colônia agrícola, quintuplicou entre 2000 e 2010 a sua população residente em virtude da exploração das reservas de minério de cobre dos seus subsolos. Atualmente, ambos se destacam como duas ilhas de crescimento no âmbito da economia paraense, tendo produzido em 2010 com apenas 2.35% da população residente do Estado quase um quarto do seu respectivo PIB e ocupado, no mesmo ano, lugares de destaque no *ranking* dos dez maiores PIBs e PIBs *per capita* dos municípios paraenses. (ver Tabelas 2 e 3)

Tabela 2 - Ranking dos 10 maiores PIBs a preços de mercado corrente dos Municípios do Estado do Pará - 2010

Ranking dos maiores PIB'S	Mil R\$	Part em %
Belém	17.987.323	23,11
Parauapebas	15.918.216	20,45
Ananindeua	3.669.747	4,71
Marabá	3.611.647	4,63
Barcarena	3.550.233	4,56
Tucuruí	2.817.702	3,62
Santarém	2.051.529	2,64
Canaã dos Carajás	1.559.968	2
Castanhal	1.749.213	1,86
Paragominas	1.235.379	1,59
Total dos 10 Municípios	53.834.377	69,15
Total dos 134 demais Municípios	24.013.219	30,85
TOTAL GERAL	77.847.597	100

Fonte: Mitschein, Chaves 2013

Tabela 3 - Ranking dos maiores PIBs *per capita* a preços de mercado corrente dos Municípios do Estado do Pará - 2010

Ranking dos maiores PIB'S per capita	R\$
Parauapebas	103.404
Canaã dos Carajás	58.367
Barcarena	35.573
Tucuruí	29.016
Oriximiná	19.220
Floresta do Araguaia	16.223
Marabá	15.427
Almerim	12.751
Belém	12.921
Paragominas	12.633
Média no Estado do Pará	10.259

Fonte: Mitschein, Chaves 2013

Neste contexto, é importante destacar que esta dinâmica polarizadora do crescimento da economia paraense está sendo potencializada pela alocação do extraordinário fluxo de investimentos que o Pará deve internalizar no período de 2012 a 2016. Envolvendo um volume de recursos financeiros de quase R\$130 bilhões, destinados, em grande parte, à indústria mineral, à melhoria da infra-estrutura portuária e ao aproveitamento do potencial hidroelétrico paraense, beneficiará a 23 Municípios nas regiões Grande Belém, Carajás e Tapajós (ver Tabelas 4,5, 6) mas, na realidade, **três quartos dos investimentos e dois terços dos empregos previstos estão direcionados apenas a 05 unidades** do universo municipal paraense (ver Tabela 7) que hospedam somente 7% da população residente e 9% da população urbana do Estado.

Tabela 4 - Investimentos e geração de empregos na Região da grande Belém no período de 2012-2016

Município	Investimentos	Em %	Emprego	Em %
Barcarena	17.120	57,96	39.390	51,32
Belém e diversos Municípios	5.180	17,53	19.850	25,86
Curuçá	3.126	10,58	4.180	5,44
Paragominas	2.322	7,8	4.500	5,86

Primavera	800	2,7	1.500	1,95
Moju	610	2	6.000	7,18
Benevides	227	0,76	519	0,67
Santa Izabel	122	0,41	100	0,13
Castanhal	30	0,10	700	0,91
Total	29.537	100	76.739	100

Fonte: FIEPA 2012, elaboração própria

Tabela 5 - Investimentos e geração de empregos na Região Carajás no período de 2012-2016

Municípios	Investimento	Em %	Empregos	Em %
Canaã dos Carajás	25.092	36,75	9.814	15,11
Marabá	13.016	19,06	26.856	41,37
Parauapebas	10.336	15,14	4.700	7,24
São Félix do Xingu	10.000	14,65	4.200	6,47
Curionópolis	6.232	9,13	11.790	18,16
Tucuruí	2.000	2,93	4.000	6,16
Ourilândia do Norte	834	1,22	2.733	4,21
Tucumã	550	0,80	500	0,77
Breu Branco	220	0,32	320	4,49
Total	68.280	100	64.913	100

Fonte: FIEPA 2012, elaboração própria

Tabela 6 - Investimentos e geração de empregos na Região Tapajós no período de 2012-2016

Municípios	Investimento	Em %	Empregos	Em %
Rio Xingu/Altamira	30.000	94,33	18.700	93,02
Oriximiná e Terra Santa	612	1,92	600	2,98
Juruti	600	1,88	800	3,98
Senador José Porfírio	590	1,85	**	**
Total	31.802	100	20.100	100

Fonte: FIEPA 2012, elaboração própria

Tabela 7 - Investimentos e empregos previstos nos Municípios de Barcarena, Canaã dos Carajás, Marabá, Parauapebas, Altamira (Rio Xingu) no período de 2012 a 2016

Municípios	Investimento	Em % a (X)	Empregos	Em % a (Y)
Barcarena	17.120	13,2	39.390	24,22
Canaã dos Carajás	25.092	19,35	9.814	6,06
Marabá	13.016	10,04	26.856	16,14
Parauapebas	10.336	7,97	4.700	2,9
Rio Xingu/Altamira	30.000	23,14	18.700	11,56
Total	95.564	73,72	99.460	61,49
Pará	129.619 (X)	***	161.752 (Y)	***

Fonte: FIEPA 2012, elaboração própria

Contudo, se esses cinco municípios forem avaliados por indicadores como o nível educacional da população adulta e jovem, ou pelos índices de vínculo empregatício da população em idade de trabalhar, na faixa etária de 17 a 29 anos, pouco se diferenciam da baixa média paraense nesses mesmos quesitos (ver Tabelas 8,9), trazendo à tona, portanto, que, mesmo nas *ilhas de crescimento* da economia paraense, reproduzem-se as mazelas sociais, às quais a esmagadora maioria da população está sujeita no Estado todo.

Tabela 8 - Taxa de analfabetismo e média de anos de estudo da população adulta (25 anos ou mais) e taxa de evasão de ensino fundamental entre jovens de 15 a 17 anos nos Municípios de Barcarena, Canaã dos Carajás, Marabá, Parauapebas e Altamira - 1991, 2000 e 2010

Municípios	1991		2000		2010
	Taxa de Analfabetismo	Média de ano de estudo	Taxa de Analfabetismo	Média de ano de estudo	Taxa de evasão do ensino fundamental entre jovens de 15 a 17 anos
Barcarena	23,9	4,3	16,2	5,3	39,2
Canaã dos Carajás	42,4	2,1	25,3	3,4	41,4
Marabá	30,3	3,8	22,7	5	44,4
Parauapebas	24,6	4,6	19,9	5	49,6
Altamira	35	3,4	22,8	4,6	47,3
Pará	28,5	4	20,6	5	-

Fonte: PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, Portal ODM, elaboração própria

Tabela 9 - Vínculo empregatício da população em idade de trabalhar na faixa etária de 17 a 29 anos nos Municípios de Barcarena, Canaã dos Carajás, Marabá, Parauapebas, Altamira e no Estado do Pará

Município	Até 17 anos	De 18 a 24 anos	De 25 a 29 anos	Soma das faixas	% Participação
Altamira	48	1954	2122	4124	40,5
Barcarena	55	2431	3456	5942	34,3
Canaã dos Carajás	11	944	1069	2024	40,7
Marabá	290	9046	9498	18834	45,1
Parauapebas	187	9033	9443	18663	49,1
Total do Estado	2.965	13.8956	18.0757	32.2678	33,9

Fonte: Censo Demográfico do IBGE, 2010, elaboração própria

De qualquer maneira, o que estes dados revelam é que no *continente amazônico* as modalidades de sua inserção no arquipélago da economia (inter)nacional estão transformando o seu espaço urbano num mero receptáculo dos efeitos nocivos do mencionado modelo de crescimento desequilibrado e não corrigido. Consolida-se, assim, um processo de *urbanização selvagem* que:

- Segrega, porque nega à esmagadora maioria da população "o direito à cidade", abordado por Henri Lefebvre (Mitschein, Chaves 2013) como direito das classes subalternas de compartilhar as riquezas materiais e culturais de uma sociedade urbanizada;
- Uniformiza, porque sujeita os setores populares às mensagens de uma cultura global comercializada que, transmitidas diariamente pela mídia e os seus programas de divertimento, tiram-lhes, no dizer de Adorno e Horkheimer (2006, p. 119, tradução própria), "a última ideia de resistência que a (sua) realidade ainda deixa subsistir" e, finalmente,
- Tem-se tornado a principal fonte do aumento dos índices de criminalidade e de violência até nos assentamentos humanos de menor porte.

1. 1 Aspectos do perfil social e econômico de Belém do Pará e Ananindeua

• População

Abrigando, em 2010 com os seus 1.863.775 habitantes, 25 % de todo o efetivo demográfico do Pará, Belém e Ananindeua chegaram a alcançar, no mesmo ano, uma taxa de urbanização de quase 100%. No que diz respeito ao seu índice de crescimento populacional no período de 2000 até 2010, este ultrapassava, no caso de Ananindeua, o respectivo valor médio do estado (ver Tabelas 10 e 11).

Tabela 10 - População residente e urbana nos Municípios de Belém e Ananindeua em 2000 e 2010

Municípios	2000			2010		
	População residente (1)	População urbana (1)	(2) de (1) em %	População residente (1)	População urbana (1)	(2) de (1) em %
Belém	1.280.614	1.272.354	99,37	1.392.031	1.380.894	99,2
Ananindeua	393.569	392.627	99,76	471.744	470.611	99,76
Total	1.674.183	1.664.981	99,40	1.863.775	1.851.505	99,35

Fonte: Censos demográficos - IBGE, elaboração própria

Tabela 11 - Crescimento relativo da população residente e urbana em Belém, Ananindeua e no Estado do Pará em % no período de 2000 até 2010

Territórios	População Residente	População Urbana
Belém do Pará	8,7	8,53
Ananindeua	19,86	20
Estado do Pará	13,64	13,5

Fonte: Censos demográficos -IBGE, elaboração própria

- **Déficit educacional**

Conforme Tabela 12, durante a última década do século XXI, a média dos anos de estudo da população adulta nem sequer chegou a aumentar por um ano só. Além disso, o fato de que, em 2010, a taxa de conclusão do ensino fundamental de jovens entre 15 e 17 anos oscilou entre 49,2% e 51%, mostra uma nítida tendência de perpetuação do acumulado déficit educacional em ambos os municípios.

Tabela 12 - Taxa de analfabetismo e média de anos de estudo da população adulta (25 anos ou mais) na Metropolitana de Belém em 1991 e 2000 e índice de conclusão do ensino fundamental de jovens entre 15 e 17 anos em 2010

Municípios	1991		2000		Taxa de conclusão do ensino fundamental de jovens entre 15 e 17 anos
	Taxa de analfabetismo	Média de anos de estudo	Taxa de analfabetismo	Médio de anos de estudo	
Belém	8,9	6,8	6	7,7	51
Ananindeua	9,3	6,2	6,9	7	49,8

Fonte: PNUD, Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, Portal ODM

- **Proporção das pessoas que vivem entre a linha da indigência e da pobreza e abaixo da linha da indigência**

Em 2010, de uma população residente de 1.863.775 habitantes 15,75 % viviam entre a linha da indigência e da pobreza e embaixo da linha da indigência. (veja Tabela 8) Contudo, considerando que ambas as classificações envolvem um total de 334. 327 pessoas, este chegaria a representar em termos demográficos o terceiro maior Município do Pará.

Tabela 13 - População residente, população que vive entre a linha da indigência e da pobreza e embaixo da linha da indigência nos Municípios da Metropolitana de Belém em 2010

Municípios	População residente	População entre a linha da indigência pobreza e abaixo da linha da indigência	em %	População abaixo da linha da indigência	em %
Belém	1.392.031	129.458	8,3	86.305	6,2
Ananindeua	471.744	44.815	9,5	33.022	7
Total	1.863.775	174.273	9,35	119.372	6,4

Fonte: Portal ODM, elaboração própria

- **Uma economia local que está sendo dominada por um setor terciário hipertrofiado**

Cantada em verso e prosa como capital da borracha, Belém se apresentava, no ano virada do século XIX para o século XX, como o centro urbano mais avançado da Amazônia, acompanhando, segundo Theodor Braga (veja: Penteado 1968), todo o evoluir da civilização européia. No entanto, tais abordagens um tanto quanto ufanistas se tornaram obsoletas, à medida que as plantações gumíferas no Sudeste asiático destronaram a *hervea brasiliensis* como fornecedora principal de látex para o mercado mundial. A partir daí, a capital paraense entrou por três décadas numa fase de hibernação até em termos demográficos. Contudo, esta situação começou a mudar entre 1960 e 1980: Neste período, a população residente de Belém chegou a alcançar quase um milhão de habitantes, vivenciando uma explosão populacional que, em grande parte, estava sendo alimentada pelo êxodo de regiões vizinhas como a Bragantina, o Baixo Tocantins, o Marajó ou o Salgado³ e acabou proporcionando a ocupação desordenada do espaço físico dos seus subúrbios e a multiplicação das fileiras de uma força de trabalho com baixos níveis de instrução educacional e profissional.

³ A crise do agro-extrativismo tradicional e a precariedade da infra-estrutura social (saneamento básico, atendimento médico-hospitalar, educação etc.) nas mencionadas regiões fizeram com que um número crescente da população rural procurasse alternativas de sobrevivência nos núcleos urbanos mais próximos ou em Belém. (Mitschein, Miranda, Paraense 1989)

De qualquer maneira, ganhou forma, nestas décadas, uma economia local, caracterizada, fundamentalmente, por fatores como:

- Altas taxas de desemprego e subemprego que, em termos estatísticos, estão sendo camufladas pelas flagrantes diferenças entre PEA (População Economicamente Ativa) e POC (População Ocupada);
- Expressivos índices de uma POC que trabalha ou por conta própria ou sem carteira assinada;
- Uma força de trabalho, da qual mais do que a metade ganha apenas até dois salários mínimos e
- Uma flagrante dependência de um setor terciário hipertrofiado que, responsável por cerca de 70% do PIB, absorveu, no ano da virada do século XX para o século XXI, quase 82% da população em idade de trabalhar. (Mitschein, Chaves, Estumano 2014)

Contudo, mesmo considerando que, conforme Tabela 14, Belém e Ananindeua tenham contribuído em 2010 com quase 28% para o PIB do Estado, o fato de que, no mesmo ano, a renda média mensal dos seus 1.863.775 habitantes oscilava no mesmo ano entre R\$ 7.799,11 e R\$ 12.921,64 respectivamente, revela com nitidez a enorme fragilidade de sua base econômica, norteadas por uma síndrome mercantilista que, introduzida pelo colonialismo português e, depois da independência política, perpetuada pelas mais diversas formas do colonialismo interno, continua afastando os *stakeholders* deste espaço urbano das oportunidades de desenvolvimento que o aproveitamento da rica biomassa terrestre e aquática da região amazônica é capaz de proporcionar para a sua própria população. (Mitschein, Chaves 2013)

Tabela 14 - PIB dos Municípios da Metropolitana de Belém e sua participação relativa no PIB paraense-2010

Município	PIB e Mil Reais	Participação relativa no PIB paraense	PIB Per capita
Belém	17.987.323	23,11	12.921.64

Ananindeua	3.669.747	4,71	7.779.11
Total	21.657.070	27,82	10.259.20
Pará	77.847.597	100	10.259

Fonte: IBGE cidades, elaboração própria

2. A pesquisa de campo - Procedimento metodológico

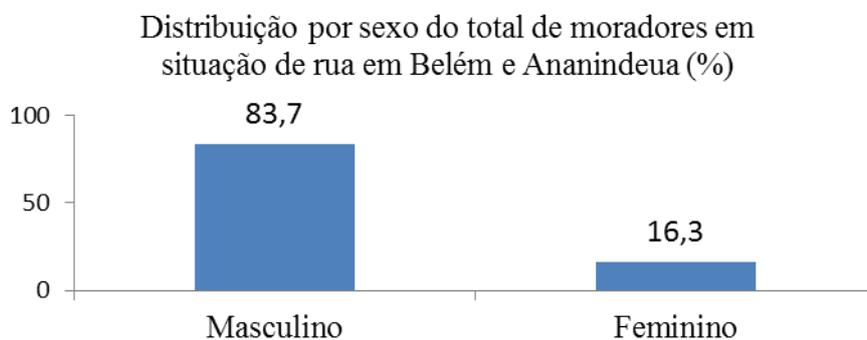
Depois de uma avaliação das fontes secundárias, iniciamos a pesquisa de campo com o mapeamento das áreas, onde os moradores em situação de rua nos dois Municípios passam normalmente os seus dias e noites. Este levantamento que aproveitou a técnica do georeferenciamento, preparou a base para a realização de uma análise quantitativa por técnica de amostragem, envolvendo 270 moradores em situação de rua em Belém e Ananindeua. Os seus resultados foram codificados e sistematizados pelo uso do Software *Statistical Package For Social Sciences* - SPSS. O programa foi escolhido por sua segurança no armazenamento dos dados.

2.1 Contagem dos moradores em situação de rua

A partir da contagem dos moradores em situação de rua em Belém e Ananindeua que aproveitou a técnica do georreferenciamento, chegou-se a conclusão que, atualmente, este grupo social envolve 583 pessoas. 83,7% são do sexo masculino e 42,9% se situam na faixa etária de 18 a 29 anos. (ver Gráficos 1 e 2)

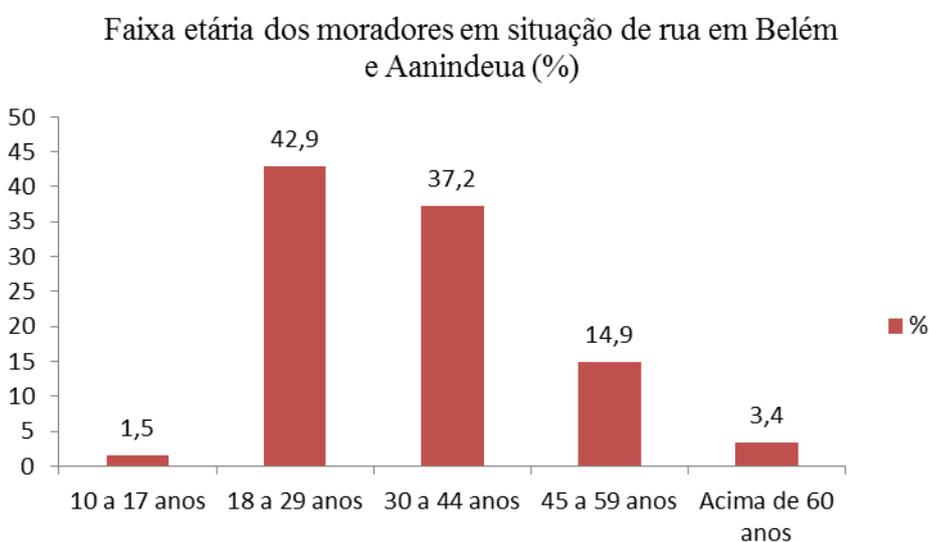


Gráfico 1 - Distribuição por sexo dos moradores em situação de em 2014



Fonte: Pesquisa de Campo/UFPA

Gráfico 2 – Faixa etária dos moradores em situação de em 2014



Fonte: Pesquisa de Campo/UFPA/SEAS

Do total das pessoas contadas 82 % vivem em Belém e 18% em Ananindeua. (ver Tabela 15)

Tabela 15 – Quantidade das pessoas em situação de rua nos municípios e em Belém e Ananindeua

Município	Quantidade de pessoas em situação de rua	%
Belém	478	71,7
Icoaraci	43	7,4
Mosqueiro	17	2,9
Ananindeua	105	18
Total	583	100

Fonte: Pesquisa de Campo/UFPA/SEAS

Gráfico 3 - Moradores em situação de rua

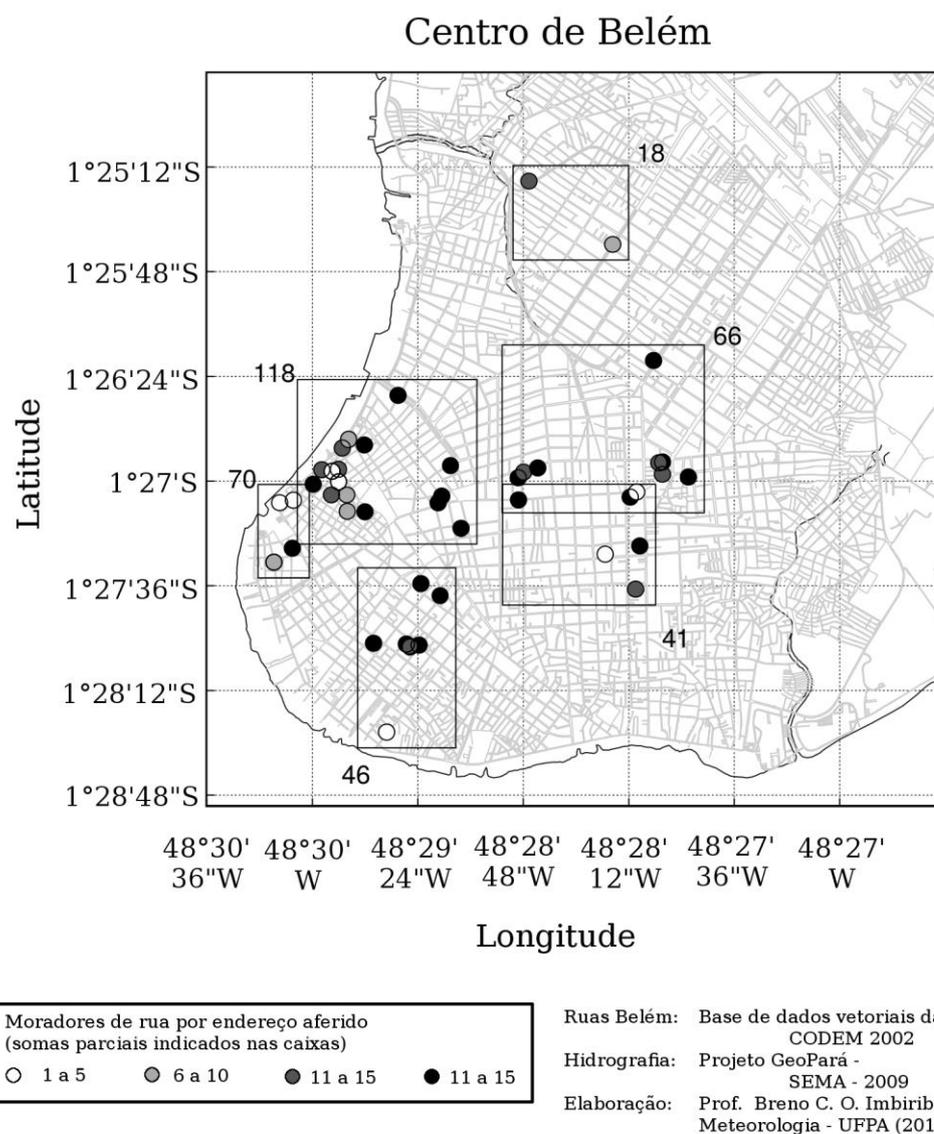


Gráfico 4 - Moradores em situação de rua em Belém e Ananindeua

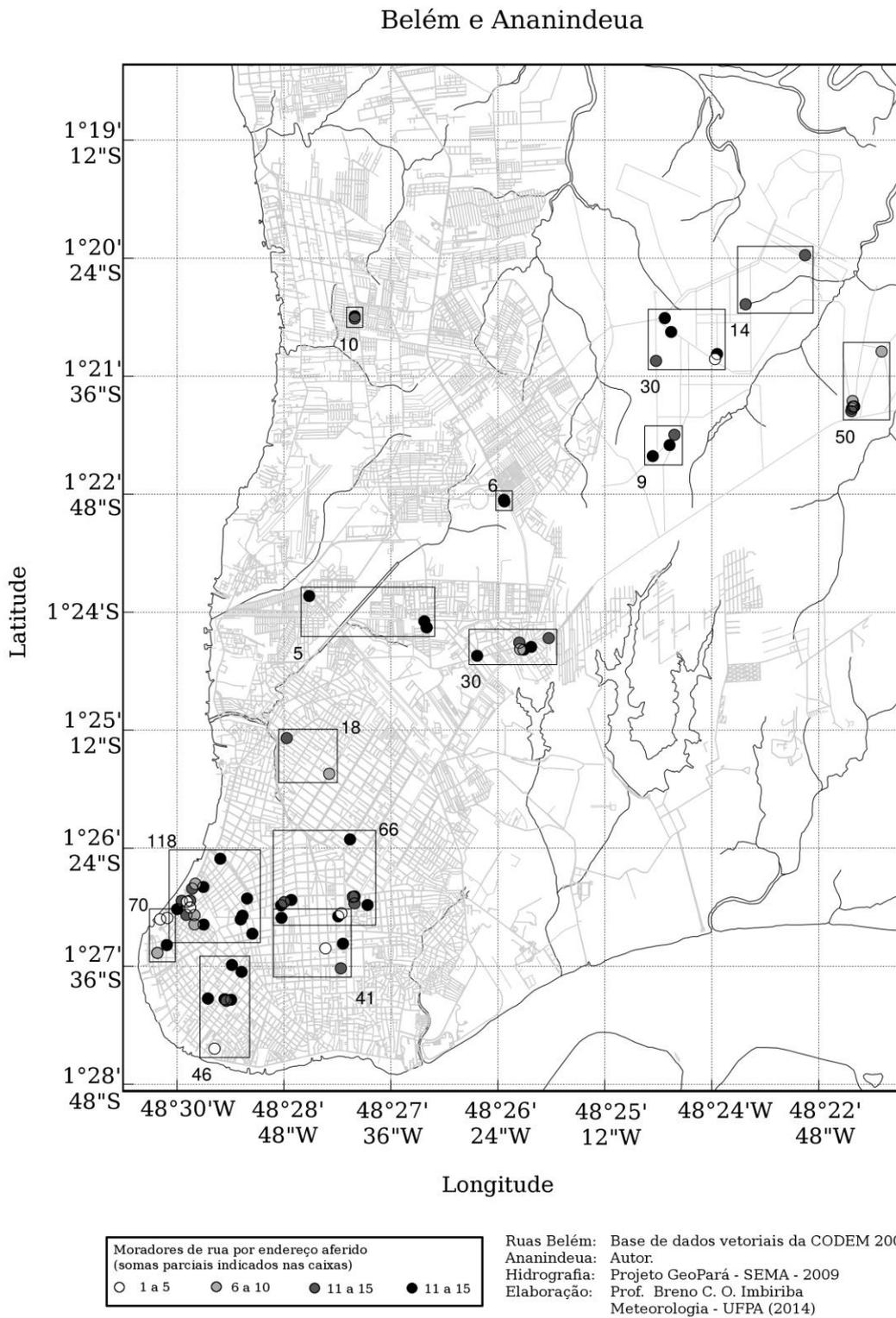


Gráfico 5 - Moradores em situação de rua

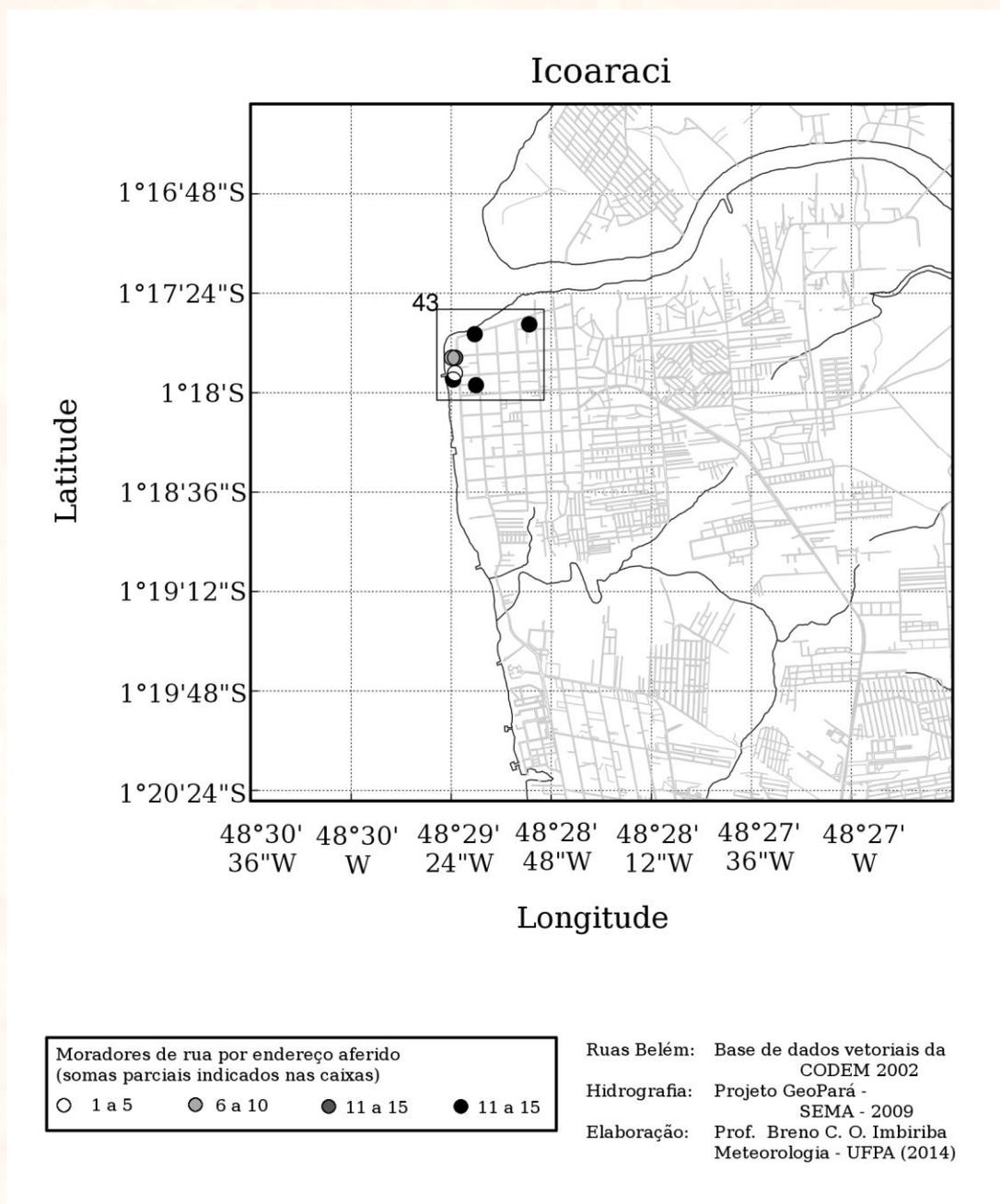
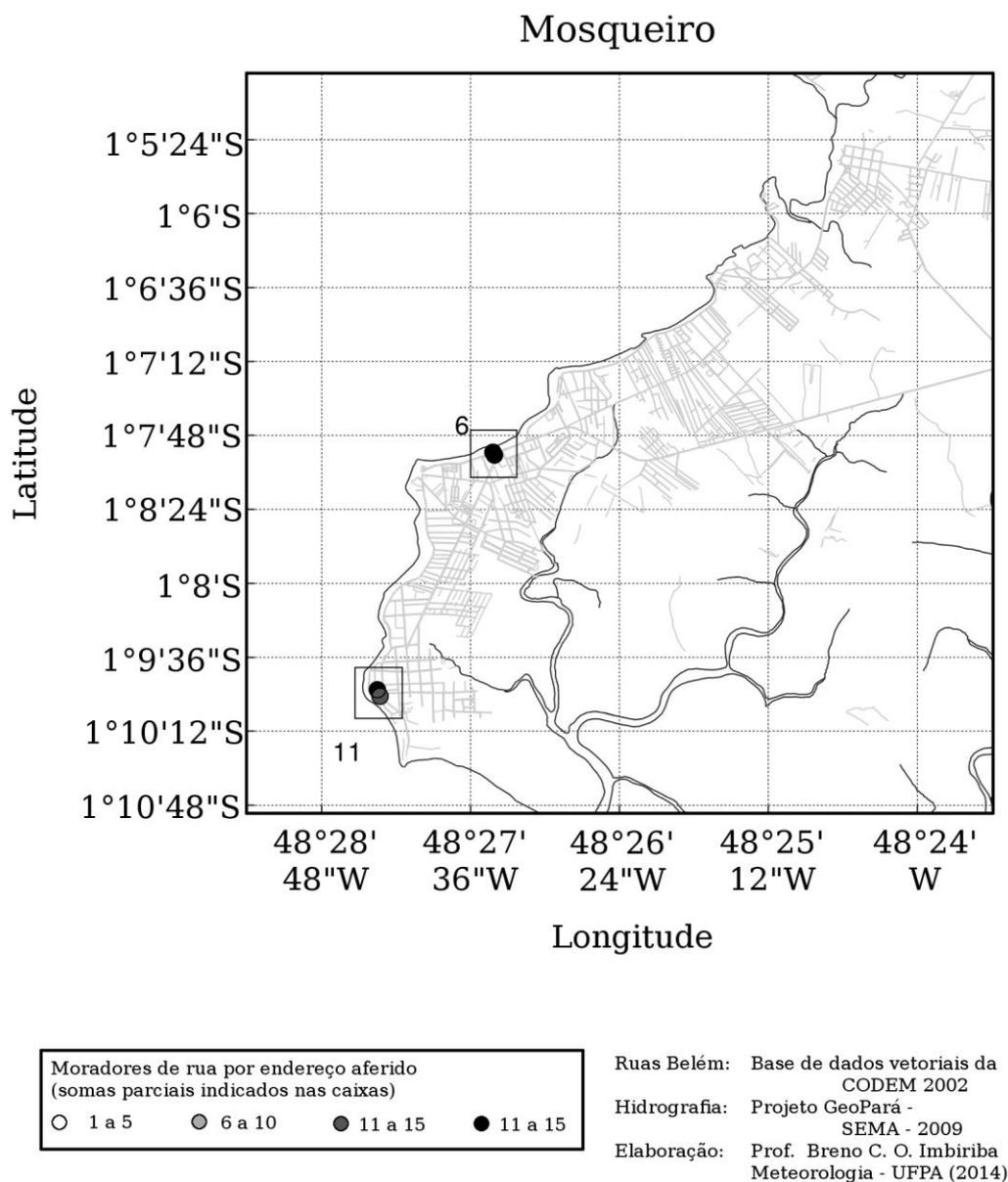


Gráfico 6 - Moradores em situação de rua



2.2 O Plano Amostral

Para alcançar um resultado consistente para o cálculo amostral, seguiu-se a técnica de amostragem de Toledo e Ovale (1985). O tamanho amostral definido para a pesquisa de campo foi devidamente calculado de acordo com os parâmetros abaixo descritos, admitindo-se erros e intervalos de confiança: onde os erros máximos foram de 3% em relação à população pesquisada e grau de 95%. Isso significa dizer que em cada 100 levantamentos realizados, tem 95 acertos.

Quando a população pesquisada é finita, adota-se a seguinte fórmula para o cálculo do tamanho da amostra:

Figura 1 - Fórmula para o cálculo do tamanho amostral para populações finitas; pessoas em situação de rua que vivem em Belém e Ananindeua.

$$n = \frac{z^2 * p * q * N}{e^2 * (N - 1) + z^2 * p * q}$$

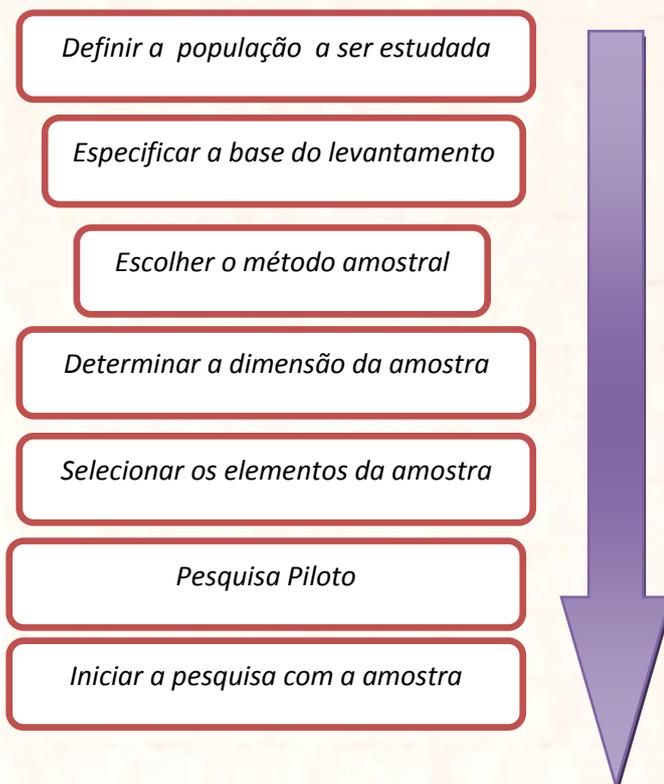
- ✓ **onde:**
- ✓ *n*: tamanho da amostra
- ✓ z^2 : Valor da distribuição normal para o nível de confiança escolhido
- ✓ *p*: percentagem com a qual o fenômeno se verifica
- ✓ *q*: percentagem complementar
- ✓ *N*: tamanho da população
- ✓ e^2 : Margem de erro máximo permitido

Enquadramento amostral

A implementação do plano amostral precisa dar respostas a três perguntas-chave: Quem deve ser selecionado, quantos precisam ser selecionados e como devem ser selecionados os indivíduos que comporão a amostra? No caso desta pesquisa a amostra envolve 270 pessoas, sendo

suficiente para um modelo com 10 variáveis manifestas. A Figura 2 mostra as etapas do plano amostral deste estudo.

Figura 2 - Etapas do plano amostral



Fonte: Vicente 2012

A definição das variáveis baseou-se nos seguintes aspectos:

- ✓ Universo de 583 (n=270) (Tamanho amostral calculado), pessoas que vivem em situação de rua;
- ✓ Estratos levados em consideração - pessoas do sexo masculino, feminino e faixa etária;
- ✓ Faixa etária da pesquisa a partir dos 10 anos de idade;
- ✓ Pessoas que vivem nas ruas e não tem moradia fixa;
- ✓ Municípios de Belém e Ananindeua (Distritos de Icoaraci, Mosqueiro e Outeiro)
- ✓ Pessoas que frequentam os Centro POPS de Belém e Icoaraci
- ✓ Pessoas que frequentam os abrigos para pessoas em situação de rua.

Tabulação das informações

Uma vez terminada a recolha dos dados, iniciou-se a organização dos mesmos através da aplicação do Programa S.P.S.S 20.0.

2. 3 Entrevistas abertas

Da dificuldade de superar a barreira do silêncio do sujeito investigado, a equipe técnica organizou vinte **entrevistas abertas** no **Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop)** em Belém. Trata-se de uma técnica de investigação que entende a criação de uma situação de diálogo com os representantes do pólo pesquisado como um mecanismo essencial para os pesquisadores se aproximarem pelo menos minimamente à complexa inter-relação entre estrutura sócio-econômica e as manifestações empíricas da consciência social. Abrimos mão de entrar aqui e agora no debate acadêmico sobre a metodologia da **história oral**. Apenas fazemos questão de destacar que, no âmbito da pesquisa social, ela é um dos poucos instrumentos que permitem ir além da "limitação conformista"(Thiollent 1980, p. 63) do questionário pré-elaborado. Além disso, partimos do princípio de que, numa investigação sobre os moradores em situação de rua que foi solicitada pela Secretaria de Estado de Assistência Social do Governo do Pará, não pode faltar a voz do sujeito investigado.

3. A população entrevistada

3. 1 Dados gerais

83,7% da população em situação de rua em Belém e Ananindeua são do sexo masculino. Quase 76,7% nasceram no Estado do Pará, sendo que 48,9% são naturais da capital, 5,9% do Estado do Maranhão e 20,4% vem de municípios interioranos de mesorregiões como o Nordeste Paraense, Marajó e Baixo Tocantins. 41,5 % se situam na faixa etária de 18 a 29 anos. 69,6% são solteiros. Quanto ao seu grau de instrução educacional, 54,1% ou nunca frequentaram uma escola ou terminaram os seus estudos na quarta série do ensino fundamental. No que diz respeito à sua cor e a sua religião, 49,6 % se autodeclararam de pardos e 42,6% de católicos. Entre 60% e 85 %

passam a maior parte do seu tempo nas praças, nas feiras e na área comercial dos dois Municípios, onde podem acessar com mais facilidade doações de comida e/ou serviços eventuais para ganhar algum dinheiro. 73% fazem da rua o seu próprio dormitório noturno. (ver Tabelas 16 até 27)

Tabela 16 – Sexo

Sexo	Frequência	%
Masculino	226	83,7
Feminino	44	16,3
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 17 - Procedência dos municípios

Municípios	Frequência	%
Belém	132	48,9
Ananindeua	16	5,9
Abaetetuba	7	2,6
Castanhal	6	2,2
Cidades do Maranhão não informadas	5	1,9
Barcarena	4	1,5
Manaus no Amazonas	4	1,5
Vigia	3	1,1
Bragança	3	1,1
Outros	90	33,3
Total	270	100,0

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 18 - Procedência dos Estados

Estado/Procedência	Frequência	%
Pará	207	76,7
Maranhão	16	5,9
Amazonas	4	1,5
Rio Grande do Norte	2	0,7
Ceará	3	1,1
Amapá	2	0,7
Rio de Janeiro	2	0,7

Pernambuco	2	0,7
Minas Gerais	2	0,7
Guanabara	1	0,4
Brasília	2	0,7
Goiás	1	0,4
São Paulo	1	0,4
Piauí	2	0,7
Espirito Santo	1	0,4
Mato Grosso	1	0,4
Rondônia	1	0,4
Roraima	1	0,4
Não Informado	19	7,0
Total	270	100,0

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 19 – Faixa Etária

Idade	Frequência	%
10 a 17 anos	4	1,5
18 a 29 anos	112	41,5
30 a 44 anos	97	35,9
45 a 59 anos	39	14,4
Acima de 60 anos	9	3,3
Não informado	9	3,3
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 20 - Grau de instrução educacional

Grau de instrução dos entrevistados	Frequência	%
Sem escolaridade	50	18,5
Primário (1º a 4ºs do 1º grau)	96	35,6
Fundamental (5º a 8ºs do 1º grau)	62	23
Ensino Médio (1º a 3ºs do 2º grau)	34	12,6
Graduação/Curso universitário	3	1,1
Não informado	25	9,3
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 21 - Cor dos entrevistados

Cor dos entrevistados	Frequência	%
Preto	73	27
Branco	42	15,6
Amarelo	4	1,5
Pardo	134	49,6
Não informado	17	6,3
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 22 - Estado civil dos entrevistados

Estado civil	Frequência	%
Casado(a)/ concubinato	36	13,3
Solteiro	188	69,6
Divorciado	6	2,2
Viúvo	8	3
Outros	6	2,2
Não informado	26	9,6
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 23 - Religião dos entrevistados

Religião	Frequência	%
Católica	115	42,6
Evangélica	62	23
Espírita	4	1,5
Afro	2	0,7
Outro	11	4,1
Sem religião	56	20,7
Não informado	20	7,4
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 24 - Locais, onde os entrevistados costumam frequentar a manhã

Locais	Frequência	%
Praça	57	21,1
Feira	46	17
Local abandonado	5	1,9
Residência de parentes	2	0,7
Área comercial	59	21,9
Outros	72	26,7
Não informado	29	10,7

Total	270	100
--------------	------------	------------

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 25 - Locais, onde os entrevistados costumam frequentar a tarde

Locais	Frequência	Porcentagem
Praça	61	22,6
Feira	45	16,7
Local abandonado	3	1,1
Área comercial	124	45,9
Não informado	37	13,7
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 26 - Locais, onde os entrevistados costumam frequentar a noite

Locais	Frequência	%
Praça	70	25,9
Feira	39	14,4
Local abandonado	6	2,2
Área comercial	77	28,5
Outros	48	17,8
Não informado	30	11,1
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 27 - Locais, onde os entrevistados costumam frequentar a madrugada

Locais	Frequência	%
Praça	58	21,5
Feira	42	15,6
Local abandonado	9	3,3
Área comercial	76	28,1
Outros	51	18,9
Não informado	34	12,6
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

3.2 Tempo de permanência na rua

38,1% da população em situação de rua apontaram um tempo de permanência na rua que varia entre um mês e três anos. Quase a metade não mantém contato com a família depois de ter optado pela vida na rua. Contudo, 55,2% gostariam de reatar relações com familiares e antigos amigos. (ver Tabelas 28 até 31)

Tabela 28 - Tempo de permanência na rua

Há quanto tempo o senhor está vivendo na rua	Frequência	%
1 a 2 anos	45	16,7
6 a 10 anos	33	12,2
6 a 11 meses	29	10,7
11 a 15 anos	28	10,4
4 a 5 anos	26	9,6
2 a 3 anos	23	8,5
3 a 4 anos	14	5,2
16 a 20 anos	14	5,2
26 a 30 anos	6	2,2
1 a 5 meses	6	2,2
21 a 25 anos	5	1,9
31 a 40 anos	3	1,1
Outros	38	14,1
Total	270	100,0

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 29 - Tempo de permanência na rua por faixa etária?

Há quanto tempo mora na rua	Faixa etária				
	10 a 17 anos	18 a 29 anos	30 a 44 anos	45 a 59 anos	Acima de 60 anos
1 a 2 anos	25,0%	18,9%	12,8%	26,3%	-
2 a 3 anos	-	11,7%	5,3%	2,6%	22,2%
3 a 4 anos	-	6,3%	3,2%	10,5%	-
4 a 5 anos	25,0%	9,9%	9,6%	10,5%	11,1%
6 a 10 anos	25,0%	8,1%	19,1%	13,2%	-
11 a 15 anos	-	8,1%	9,6%	18,4%	11,1%
16 a 20 anos	-	7,2%	4,3%	-	11,1%
21 a 25 anos	-	,9%	4,3%	-	-
26 a 30 anos	-	,9%	4,3%	-	11,1%
31 a 40 anos	-		2,1%	-	-
1 a 5 meses	-	3,6%		2,6%	-
6 a 11 meses	25,0%	12,6%	10,6%	7,9%	22,2%
40 a 50 anos	-		2,1%		-

Menos de 1 mês	-	2,7%	4,3%	5,3%	-
Veio da Fasepa para o CAMAR	-	2,7%	-	-	11,1%
Desde que nasceu	-	,9%	-	-	-
Nenhum/ Não tem	-		1,1%	-	-
NS/SR	-	5,4%	7,4%	2,6%	-
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 30 - Manutenção de vínculo de contato com familiares depois de ter optado pela vida na rua ?

Mantém algum vínculo ou contato familiar depois de estar morando nas ruas	Frequência	%
Sim	117	43,3
Não	133	49,3
Não informado	20	7,4
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 31 - Deseja restabelecer vínculos com a família ou com amigos

Deseja reestabelecer vínculos com a família ou com amigos	Frequência	%
Sim	149	55,2
Não	98	36,3
Nenhum/Não tem	3	1,1
NS/ SR	1	0,4
Não informado	19	7
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

3.3 O porquê da escolha da rua como espaço de sobrevivência

No *ranking* dos motivos que levaram os entrevistados a fazerem da rua o seu principal espaço de sobrevivência, se destacam *Desentendimento com familiares* e *Decepção com o mundo lá fora* que, por sua vez, estão sendo seguidos por *uso de drogas* e *uso de álcool e drogas*. No que diz respeito aos dois últimos, eles são predominantes nas faixas etárias de 10 a 17 anos e de 18 a 29 anos. 27,8% apontaram a facilidade de acessar e consumir drogas e

bebidas de álcool como elemento mais atrativo de sua vida na rua e 36,7% usam drogas e bebidas alcoólicas todos os dias. Além disso, vale realçar que a população entrevistada transmitia com clareza à equipe de pesquisa que entende o seu próprio vício como uma maneira de compensar as suas frustrações no âmbito de suas relações interpessoais e em relação à sua condição de vida no âmbito do contexto social maior social maior. (ver Tabelas 32 até 34)

Tabela 32 - Motivos pelos quais optou pela vida na rua

Quais foram os motivos que levaram Sr(o) ou Sr(a) a estar morando nas ruas	Frequência	%
Uso de drogas	65	24,1
Uso de álcool	35	13
Uso de álcool e drogas	29	10,7
Decepção com o mundo lá fora	17	6,3
Rejeição por parte de pessoas ou familiares	6	2,2
Desentendimento com familiares	6	2,2
Outros	7	2,6
Não informado	105	38,9
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 33 - Motivos por faixa etária

Quais Foram os motivos que levaram o Sr(o) ou Sr(a) Está Morando nas ruas?	Faixa Etária				
	10 a 17 anos	18 a 29 anos	30 a 44 anos	45 a 59 anos	Acima de 60 anos
Uso de álcool		8,8%	25,4%	45,0%	42,9%
Uso de drogas	66,7%	52,9%	36,5%	10,0%	28,6%
Uso de álcool e drogas	33,3%	23,5%	11,1%	20,0%	-
Rejeição por parte de pessoas ou familiares	-	2,9%	6,3%	-	-

Decepção com o mundo lá fora	-	4,4%	15,9%	5,0%	14,3%
Desentendimento com familiares	-	2,9%	3,2%	5,0%	14,3%
Outros	-	4,4%	1,6%	15,0%	
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 34 - O que mais atrai para viver nas ruas?

O que mais atrai o Sr(o) ou Sr(a) viver nas ruas	Frequência	%
Liberdade	52	19,3
Drogas	50	18,5
Companheira(o)/ Drogas	9	3,3
Considera a comunidade sua família	3	1,1
Consumo de bebida alcoólica	3	1,1
Companheiro(a)	3	1,1
Facilidade de conseguir álcool e drogas.	3	1,1
Viver sem conflito com a família	3	1,1
Está morando na rua, pois não tem onde morar	3	1,1
Amigos e bebida alcoólica	2	0,7
Companheirismo entre as pessoas.	2	0,7
Consumo de bebidas alcoólicas e drogas.	2	0,7
A rua tem atrativos	2	0,7
Amigos/ Bebida alcoólica	2	0,7
Vícios	1	0,4
Praia	1	0,4
Amizades	1	0,4
Falta de opção e bebida	1	0,4
Amizade/ Bebida alcoólica	1	0,4
Liberdade/ Amigos.	1	0,4
Liberdade	1	0,4
Conseguir dinheiro para comer	1	0,4
Liberdade para consumir bebida alcoólica	1	0,4

Gosta da natureza	1	0,4
Forma de ganhar dinheiro rápido	1	0,4
Situação financeira	1	0,4
Aprender com a vida	1	0,4
Não tem família	1	0,4
Revolta	1	0,4
Não pode voltar para casa	1	0,4
A rejeição das pessoas pelo álcool	1	0,4
Drogas e vida louca	1	0,4
Drogas e sexo	1	0,4
Drogas e liberdade	1	0,4
Facilidade no consumo de drogas	1	0,4
Liberdade e facilidade para comprar drogas	1	0,4
Não informado	21	7,8
Nenhum/ Não tem	60	22,2
NS/ SR	28	10,4
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

3.4 Drogas e violência

A Tabela 35 mostra um amplo elenco de drogas que os entrevistados estão acostumados a consumir regularmente. Chama atenção que nas faixas etárias de 10 a 17 e de 18 a 29 anos predomine o uso de maconha, cocaína, *crack* e as mais diversas formas de sua combinação. Cabe destacar que os moradores em situação de rua identificam o seu próprio envolvimento no uso e na comercialização de drogas como uma das causas centrais da ampliação e da consolidação de uma cultura de violência, da qual se tornam vítimas e atores ativos ao mesmo tempo. Se quase 60 % se envolveram em atos violentos e 55,2% já foram presos ou apreendidos, isto está primordialmente ligado ao campo da veiculação das substâncias químicas. Diante deste quadro, não surpreende que os entrevistados externam uma notável vontade de se livrar do seu consumo através de tratamentos profissionais em clínicas de reabilitação. Entretanto, mais do que

a metade dos interessados não teve acesso a tais tratamentos. (ver Tabelas 35 ate 42)

Tabela 35 – Uso de drogas ou álcool

O Sr(o) ou Sr(a) faz uso de drogas ou álcool?	Frequência	%
Sim	209	77,4
Não	42	15,6
Nenhum/ Não tem	2	0,7
NS/SR	1	0,4
Não informado	16	5,9
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 36 - Tipo de drogas usadas pela população entrevistada

Que tipo de droga faz uso	Frequência	%
Maconha	76	28,1
Cocaína	25	9,3
Oxy	23	8,5
Crack	17	6,3
Bebida Alcoólica/ Maconha	9	3,3
Bebidas alcoólicas/ Maconha/ Cocaína/ Crack/ Oxy	8	3
Bebida alcoólica	7	2,6
Todas	5	1,9
Bebida Alcoólica/ Cocaína/ Crack	4	1,5
Crack / Oxy	4	1,5
Maconha/ Crack	4	1,5
Cola	3	1,1
Bebida Alcoólica/ Crack	3	1,1
Bebida Alcoólica/ Maconha/ Cocaína	3	1,1
Bebida Alcoólica/ Maconha/ Oxy	3	1,1
Outras	2	0,7
Cola/ Crack	2	0,7
Bebida Alcoólica/ Oxy	2	0,7
Maconha/ Cocaína	2	0,7
Maconha/ Cocaína/ Crack/	2	0,7

Oxy		
Bebida Alcoólica/ Crack/ Oxy	2	0,7
Cocaína/ Crack/ Oxy	1	0,4
Bebida Alcoólica/ Maconha/ Cocaína/ Crack	1	0,4
Maconha/ Crack/ Oxy	1	0,4
Não informado	61	22,6
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 37 - Frequência do uso de drogas e bebida alcoólica

Qual a frequência que usa	Frequência	%
Todos os dias	99	36,7
Só uso quando tenho dinheiro	36	13,3
Toda semana	32	11,9
Final de semana	11	4,1
Eventualmente, quando me oferecem	9	3,3
Eventualmente, quando compra drogas	3	1,1
Em tratamento de 3 meses	1	0,4
Só quando vai fazer algo de errado	1	0,4
Maconha e bebida alcoólica	1	0,4
Maconha, cocaína ,bebida alcoólica	1	0,4
Só no momento de raiva	1	0,4
Maconha e cocaína	1	0,4
NS/SR	6	2,2
Não informado	68	25,2
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 38 - Uso do tipo de drogas por faixa etária

Quais Foram os motivos que levaram o Sr(o) ou Sr(a) Está Morando nas ruas?	Faixa Etária				
	10 a 17 anos	18 a 29 anos	30 a 44 anos	45 a 59 anos	Acima de 60 anos
Uso de álcool		8,8%	25,4%	45,0%	42,9%

Uso de drogas	66,7%	52,9%	36,5%	10,0%	28,6%
Uso de álcool e drogas	33,3%	23,5%	11,1%	20,0%	-
Rejeição por parte de pessoas ou familiares	-	2,9%	6,3%	-	-
Decepção com o mundo lá fora	-	4,4%	15,9%	5,0%	14,3%
Desentendimento com familiares	-	2,9%	3,2%	5,0%	14,3%
Outros	-	4,4%	1,6%	15,0%	
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 39 - O Sr(o) ou Sr(a) já se envolveu em atos violentos nas ruas?

O Sr(o) ou Sr(a) já se envolveu em atos violentos nas ruas	Frequência	%
Sim	156	57,8
Não	95	35,2
Não informado	19	7
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 40 - O Sr(o) Sr(a) já foi preso ou apreendido?

O Sr(o) Sr(a) já foi preso ou apreendido?	Frequência	%
Sim	149	55,2
Não	92	34,1
Não informado	29	10,7
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 41 - O senhor deseja fazer tratamento para sair das drogas?

O Sr(o) Sr(a) deseja fazer tratamento para sair das drogas	Frequência	%
Sim	120	44,4
Não	71	26,3
NS/ SR	7	2,6
Não informado	72	26,7

Total	270	100
--------------	------------	------------

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 42 - Já fez algum tratamento?

Em caso de consumo de drogas ou álcool. O Sr(o) Sr (a) já fez algum tipo de tratamento	Frequência	%
Não	146	54,1
Clinica de reabilitação	45	16,7
Associações	8	3
Não quer tratamento no momento	8	3
Alcoólicos anônimos	2	0,7
Posto de saúde	2	0,7
Igrejas	2	0,7
Não informado	57	21,1
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

3. 5. Ocupação, renda, alimentação e saúde

28,8% dos entrevistados destacaram que, apesar de estarem desempregados, não procuram emprego por opção própria, externando, assim, uma avaliação bastante lúcida de um ambiente urbano que, diante de seus altos índices de sub- e desemprego, proporciona-lhes chance nenhuma para entrar nos circuitos formais do mercado de trabalho. Mas, já que eles, em sua esmagadora maioria, não usufruem acesso a mecanismos de mitigação da pobreza como o Bolsa Família (ver Tabela 39), precisando "arranjar alguma prata para se virar"(Claudio 18 ano, morador em situação de rua em Belém), procuram se inserir nos nichos da informalidade, realizando serviços como reparadores e lavadores de carros, carregadores, vendedores ambulantes etc. Com *bicos* desta natureza 46 % ganham mensalmente ate 1 salário mínimo (SM) e outros 20% entre um e dois SMs⁴.

⁴ Assim estão se situando em duas classes de rendimento nominal mensal que abrangem aproximadamente 50% da população POC em Belém.

Contudo, se esses rendimentos não cobrem nem as necessidades de sua reprodução física - quase dois terços dos entrevistados procuram garantir a sua alimentação através de atos de mendicância, da realização de pequenos serviços pagos por comida e da cata de restos de alimentos na rua. - este fato está intimamente ligado ao consumo regular de drogas, que segundo eles, é indispensável para poder aguentar a sua vida num *mundo cão* (Ailton, 25 anos morador em situação de rua em Ananindeua), caracterizado por fatores como os preconceitos, com quais estão sendo discriminados pela maior parte dos protagonistas da sociedade local, as agressões da polícia, a fome, a chuva, as doenças e a falta de abrigo seguro especialmente à noite. Por outro lado, é obvio que o consumo excessivo de drogas, a precária alimentação, a falta de higiene e, também, o sentimento generalizado de medo perante as autoridades policiais, fazem com que a população em situação de rua esteja atraindo as mais diversas doenças físicas e psíquicas. Mas se levarmos em conta que 58,1% dos entrevistados, mesmo quando se tornem doentes, não se dirigem às unidades de saúde pública, torna-se claro que é justamente neste campo específico, onde a falta de uma assistência social mais abrangente e sistemática assume dimensões verdadeiramente dramáticas. (ver tabelas 42 até 52)

Tabela 42 - Procura emprego?

Atual profissional	Frequência	%
Não trabalha, por opção	23	8,5
Não procura emprego	22	8,1
Está desempregado e não procura emprego	33	12,2
Criança ou adolescente que ainda não procura emprego	1	,4

Trabalha por conta própria	134	49,6
Trabalha com carteira assinada	1	,4
Outros	27	10,0
Não Informação	29	10,7
Total	270	100,0

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 43 - Apoio financeiro do governo

Recebe alguma ajuda do governo	Frequência	%
Não	217	80,4
Bolsa Família	16	5,9
BPC	11	4,1
Aposentadoria	5	1,9
Outros	3	1,1
Não informado	18	6,7
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 44 - Ocupação nos nichos da informalidade

Que ocupação desenvolve	Frequência	%
Outras ocupações citadas	85	31,5
Reparador de carros	73	27,0
Vendedor ambulante	26	9,6
Carregador	16	5,9
Faz pequenos serviços em comércios	15	5,6

Trabalhos artesanais	15	5,6
Compra e revende objetos de procedência	5	1,9
Esmolas	2	0,7
Pesca	1	0,4
Não informado	32	11,9
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 45 – Outras Ocupações citadas

Outras ocupações citadas	Frequência	%
Catador de latinha	5	5,9
Ladrão	4	4,7
Catadora de lixo	4	4,7
Vende o que encontra no lixo	3	3,5
Pede esmola	3	3,5
Vendedor de bombons	3	3,5
Limpar a feira e catador de papel	3	3,5
Carregador de saco	2	2,4
Sem ocupação	2	2,4
Artesão	2	2,4
Limpa peixe nas feiras	2	2,4
Outras	52	61,2
Total	85	100,0

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 46 - Ocupação por faixa etária

Ocupação	Faixa etária				
	10 a 17 anos	18 a 29 anos	30 a 44 anos	45 a 59 anos	Acima de 60 anos
Reparador de carros	33,3%	34,7%	40,0%	22,6%	16,7%
Carregador	-	6,3%	6,7%	6,5%	16,7%
Faz pequenos serviços em comércios	-	6,3%	8,0%	6,5%	16,7%
Compra e revende objetos de procedência	-	1,1%	5,3%	-	-
Vendedor ambulante	33,3%	17,9%	8,0%	6,5%	-
Trabalhos artesanais	-	7,4%	4,0%	16,1%	-
Outros	33,3%	25,3%	26,7%	41,9%	50,0%
Esmolas	-	1,1%	-	-	-
Pesca	-	-	1,3%	-	-
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 47 - Renda mensal

Renda	Frequência	%
Menos de 1 SM	124	46
De 1 até 2 SM	54	20
De 2 até 3 SM	3	1,1
Acima de 5 SM	1	0,4
Não Informado	88	33
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 48 - Local da alimentação?

A alimentação é consumida no mesmo local?	Frequência	%
Sim	162	59,6
Não	94	34,4

Não Informado	14	5,2
Total	270	100,0

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 49 – Local da alimentação por faixa etária

A alimentação é consumida no mesmo local que dorme?	Faixa etária				
	10 a 17 anos	18 a 29 anos	30 a 44 anos	45 a 59 anos	Acima de 60 anos
Sim	100,0%	59,0%	66,7%	62,2%	77,8%
Não		41,0%	33,3%	37,8%	22,2%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 50 – Como acessa a sua alimentação?

Como tem acesso a esta alimentação?	Frequência	%
Faz pequenos serviços e é pago com alimentos	40	14,8
Só se alimenta quando as pessoas doam	59	21,9
Pequenos serviços/Troca com objetos que lhe foram doados/Se alimentam quando doam/Restos de alimentos na rua	58	21,5
Outros	47	17,4
Conseguindo restos de alimento nas ruas	11	4,1
Pede alimentação para as pessoas	7	2,6
Só se alimenta quando as pessoas doam/ Pede alimentação para as pessoas	3	1,1
Faz troca de alimentos com objetos roubados	1	,4
Troca com objetos roubados/Quando outras pessoas doam/Restos de alimentos na rua/Pedindo	1	,4
Troca com objetos roubados/ Quando outras pessoas doam/ Pedindo	1	,4

Faz troca de alimentos com objetos roubados/ Pede alimentação para as pessoas	1	,4
Faz troca de alimentos com objetos furtados e pede alimentação para as pessoas nas ruas	1	,4
Não Informado	40	14,8
Total	270	100,0

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 51 - Acesso a alimentação por faixa etária

Como tem acesso a sua alimentação?	Faixa etária				
	10 a 17 anos	18 a 29 anos	30 a 44 anos	45 a 59 anos	Acima de 60 anos
Faz pequenos serviços e é pago com alimentos	-	20,4%	15,5%	18,2%	12,5%
Faz troca de alimentos com objetos roubados	-	1,0%	-	-	-
Só se alimenta quando as pessoas doam	25,0%	25,5%	26,2%	24,2%	25,0%
Conseguindo restos de alimento nas ruas	-	3,1%	6,0%	9,1%	-
Outros	75,0%	12,2%	27,4%	21,2%	12,5%
Pequenos serviços/Troca com objetos que lhe foram doados/Se alimentam quando doam/Restos de alimentos na rua	-	27,6%	21,4%	24,2%	50,0%
Troca com objetos roubados/Quando outras pessoas doam/Restos de alimentos na rua/Pedindo	-	1,0%	-	-	-
Alimenta-se quando as pessoas doam/ Pede alimentação para as pessoas	-	2,0%	1,2%	-	-
Pede alimentação para as pessoas	-	5,1%	1,2%	3,0%	-

Troca com objetos roubados/ Quando outras pessoas doam/ Pedindo	-	1,0%	-	-	-
Faz troca de alimentos com objetos roubados/ Pede alimentação para as pessoas	-	1,0%	-	-	-
Faz troca de alimentos com objetos furtados e pede alimentação para as pessoas	-	-	1,2%	-	-
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 52 - Em caso de doença procura alguma unidade de saúde?

Quando está doente procura, procura alguma unidade de saúde	Frequência	%
Sim	96	35,6
Não	157	58,1
Não informado	17	6,3
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

3.6 Ajuda caritativa, assistência social e a sobrevivência da esperança de poder iniciar uma vida nova

38,9% dos entrevistados não pedem ajuda a nenhum órgão de governo, 16,3% podem contar com algum suporte (alimentação e abrigo eventual) por parte das igrejas e de iniciativas de caridade e 31,5% estão sendo assistidos pelos *Centros Referências Especializadas (Centros POPs)*. Concebidos pela anteriormente mencionada *Política Nacional Para Inclusão Social Da População Em Situação De Rua*, esses Centros oferecem serviços como cuidados com higiene e alimentação, emissão de documentos e encaminhamentos para a rede de Proteção Social e Saúde. Em Belém, a Prefeitura inaugurou entre outubro de 2013 e maio de 2014 dois centros em São Brás e no Distrito de Icoaraci. Ambos se destacam pelo alto profissionalismo de suas equipes de trabalho, atendendo em média por mês a

140 indivíduos de uma população que, em sua maioria, continua cultivando a esperança de poder iniciar um belo dia uma vida nova. Uma esperança, aliás, que alimenta a vontade de 61,% dos entrevistados de participar em cursos ou oficinas profissionalizantes em áreas como mecânica, informática, elétrica etc. Contudo, é preciso destacar que, diante do fato dos moradores em situação de rua vivenciarem uma realidade de extrema privação material e cultural que limita estruturalmente as suas chances de iniciar a sua própria recuperação a partir dos seus desejos e planos individuais, a melhoria de suas condições de vida depende fundamentalmente do apoio das instâncias públicas de assistência social que, no caso de Belém, acenderam com a implantação dos mencionados dois Centros POPs uma luz no final do túnel. Mas se, de fato, quiserem fazer brilhar esta mesma luz de forma mais contundente - o que, certamente, não é nenhum *bicho de sete cabeças* diante do fato de que o número daqueles que dependem desta vontade política não ultrapassa o número de 600 pessoas - precisariam estender os seus serviços a toda a população em situação de rua. Desta maneira, dariam um exemplo sumamente importante para os gestores públicos especialmente daqueles Municípios do Estado que estão sendo cada vez mais integrados na órbita do sistema econômico global (veja capítulo 1) , mas, desta maneira, acabam entrando numa trajetória social e econômica que da mesma forma que leva os seus PIBs a alturas invejáveis, nega à esmagadora maioria de sua população condições minimamente civilizatórias em áreas tão essenciais, como saúde, saneamento, moradia, educação, segurança alimentar.(ver Tabelas 53 até 61)

Tabela 53 - Ajuda caritativa e assistência social

De que Instituição Recebe Ajuda	Frequência	%
Não pede ajuda para nenhuma instituição	105	38,9
Centro POP- Belém	61	22,6
Centros de ajuda e caridade	30	11,1
Centro POP- Icoaraci	21	7,8
Igrejas	14	5,2
Casa de abrigo	6	2,2

Centro POP- Ananindeua	3	1,1
Outras	23	8,5
Não informado	7	2,6
Total	270	100,0

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 54 – Ajuda por parte de entidades Caritativas

Que Instituição Recebe Ajuda (Outras)	Frequência	%
Caminheiro do Bem	9	39,1
Casa de sopa do Padre Elói	2	8,7
CCDQ	2	8,7
CAMAR	2	8,7
Cantinho do ver- o - peso	1	4,3
Caminheiros do bem/ Centro espirita Nazareno	1	4,3
Lar de Maria	1	4,3
Pessoas que moram próximas ao local que frequenta	1	4,3
Dr. marta	1	4,3
Fasepa	1	4,3
Direitos Humanos	1	4,3
Feirantes	1	4,3
Total	23	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 55 - O Sr(o) Sr(a) deseja sair das ruas?

O Sr(o) Sr(a) deseja sair das ruas	Frequência	%
Sim	225	83,3
Não	38	14,1
Não informado	7	2,6
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 56 - Motivo principal para sair da rua

Qual o motivo principal que faria o Sr(o) Sr(a) sair da rua	Frequência	%
Ter casa para morar / ter renda	72	26,7
Trabalho fixo (carteira assinada)	49	18,1

Voltar a morar com a família	23	8,5
Filhos	18	6,7
Melhorar de vida	14	5,2
Saúde	9	3,3
Sair da dependência química	9	3,3
Condições financeira para se manter	3	1,1
Um pedido da mãe	3	1,1
Violência policia.	2	0,7
Um salário todo mês	2	0,7
Receba a aposentadoria	2	0,7
Ser aceito por todos, sou muito rebelde	1	0,4
Mudança, força interior	1	0,4
Ajuda de alguém	1	0,4
Esposa	1	0,4
Conseguir uma renda	1	0,4
Não se envolver na criminalidade	1	0,4
Só quando encontrar o seu grande amor	1	0,4
Sua sobrinha	1	0,4
Nenhum/ Não tem	20	7,4
NS/ SR	18	6,7
Não informado	18	6,7
Total	270	100

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 57 - Motivo principal que faria o Sr(o) Sr(a) sair das ruas por Faixa etária

Qual o motivo principal que faria o Sr(o) Sr(a) sair das ruas?	Faixa etária				
	10 a 17 anos	18 a 29 anos	30 a 44 anos	45 a 59 anos	Acima de 60 anos
Voltar a morar com a família	25,0%	7,5%	12,1%	5,7%	-
Ter casa para morar / Ter renda	-	26,4%	28,6%	34,3%	33,3%
Melhorar de vida	-	5,7%	2,2%	14,3%	11,1%
ser aceito por todos , sou muito rebelde.	-	-	1,1%	-	-

Violência Policial	-	1,9%		-	-
Trabalho fixo (carteira assinada)	-	19,8%	20,9%	17,1%	22,2%
Mudança, força interior	-	,9%	-	-	-
Filhos	-	7,5%	8,8%	2,9%	-
Ajuda de alguém	-	-	-	2,9%	-
Saúde	25,0%	1,9%	3,3%	5,7%	11,1%
Condições financeira para manter-se	-	1,9%	-	-	11,1%
Esposa	-		1,1%	-	-
Sair da dependência química	-	5,7%	3,3%	-	-
Um salário todo mês	-	-	1,1%	2,9%	-
Conseguir uma renda	-	,9%	-	-	-
Um pedido da mãe	-	1,9%	1,1%	-	-
Não se envolver na criminalidade.	-	-	1,1%	-	-
Só quando encontrar o seu grande amor	-	,9%	-	-	-
Receba a aposentadoria	-	,9%	-	2,9%	-
Sua sobrinha	-	,9%	-		-
Nenhum	50,0%	5,7%	7,7%	11,4%	-
NS/ SR	-	9,4%	7,7%	-	11,1%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 59 - O Senhor/a tem vontade de aprender ou participar de alguma atividade ou fazer algum tipo de cursos e oficinas profissionalizantes

Aprender Atividades	Frequência	%
Sim	165	61,1
Não	64	23,7
Não Informado	41	15,2
Total	270	100,0

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

Tabela 60 - Quais cursos são?

Quais os cursos e atividades?	Frequência	%
Mecânica	36	13,3
Informática	18	6,7
Eletricista	12	4,4
Cabelereiro(a)	7	2,6
Serigrafia	5	1,9
Cozinheira/Culinária	5	1,9
Motorista	4	1,5
Manicure	3	1,1
Técnico em refrigeração	3	1,1
Teatro	2	0,7
Maquiagem	2	0,7
Pintor	2	0,7
Qualquer um	2	0,7
Soldador	2	0,7
Curso de pedreiro	2	0,7
Não consigo mais apreender mais nada	2	0,7
Eletricista	2	0,7
Piloto de avião	2	0,7
Corte e costura	2	0,7
Construção civil	2	0,7
Outras cursos ou atividades	69	25,6
Não Informado	86	31,9
Total	270	100,0

Fonte: Pesquisa de campo UFPA/SEAS

3. 7. A sobrevivência na *selva urbana* na narrativa de 20 pessoas que sofrem diariamente os seus impactos devastadores

Neste capítulo, apresentaremos os resumos de vinte **entrevistas abertas** que foram realizadas nos meses de agosto e setembro de 2014 no **Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop)**, localizado no bairro de São Brás da capital paraense.

Das pessoas entrevistadas, 85% são do sexo masculino, a metade se situa na faixa etária de 19 a 30 anos e todas vem de famílias socialmente vulneráveis, nas quais desentendimentos pessoais favoreceram a opção pela rua que, via de regra, estava sendo acompanhada pelo uso de drogas como insumo, usado, por sua vez, para mitigar o acúmulo das dificuldades enfrentadas no cotidiano. De qualquer maneira, o que estas entrevistas transmitem, são vozes autênticas de um grupo social que, por mais que esteja vivendo literalmente nas sombras da maior metrópole urbana do Estado do Pará, teima em não perder a esperança de um futuro melhor. Fazemos questão de mencionar, neste contexto, o diálogo da pesquisadora de campo com Márcia, oriunda de Fortaleza:

“Quando pergunto como é para uma mulher viver nas ruas, a entrevistada relata que é muito ruim, que ela se sente humilhada, ela diz que não é respeitada, e cita que quando foi encaminhada a um centro de recuperação foi bastante desrespeitada, pois apanhou dos monitores. E é ruim dormir no chão ser mordida por ratos e que sente muito medo quando está se drogando e isso ocorre todas as noites e dura toda a madrugada e ela só para quando amanhece o dia.

Indago qual sua expectativa para o futuro, ela responde que quer estudar, fazer faculdade, e para os filhos ela espera que estudem, tenham emprego, suas casas e constituam famílias e que não vivam a vida que ela vive.

Márcia declara que a única forma dela sair das ruas seria sua saída das drogas, se ela tivesse ajuda para sair das drogas, certamente sairia da rua.

Entrevista 01

Data: 14/08/2014

João, 46 anos.

O Sr. João, paraense, está há mais de 10 anos na rua. Criado numa família estruturada chegou a estudar em colégios privados, em São Paulo, mas ainda na infância conheceu as drogas. Seu primeiro experimento foi cocaína, depois o pó, a cola, o oxi, a xilocaína e desde então, começou a usar qualquer tipo de droga. “Eles nunca chegaram a me expulsar de casa. O errado mesmo fui eu”, fala quando se refere à família. A infância acabou a partir do momento que conheceu a devastadora de seus sonhos, o vício em bebida e drogas o levou para a rua. A partir de certo momento a família não acreditava mais nele, pois começou a furtar objetos pessoais de seus pais e irmãos, daí ele saiu de casa. Ressalta que foi embora de casa por sentir vergonha de si mesmo, por não querer que a própria família continuasse a vê-lo naquele estado de viciado.

Seu João não sabe ler, pois por experimentar droga muito cedo, as aulas ficavam em segundo plano. Mesmo durante o vício, ainda chegou a se casar e tem duas filhas, uma mora em São Paulo e outra em Belém. Há mais de 20 anos ele não vê ninguém da sua família. Seus pais moram em Belém, seu pai é gerente de uma empresa de transporte no terminal rodoviário. Seu João já buscou ajuda, mas por não se entender com a madrasta resolveu continuar na rua e não procurar mais o pai.

Seus primeiros dias na rua, claro que foram bem difíceis. Entre várias tentativas de voltar para o seio familiar, chegou a chorar várias vezes, mas não conseguia retornar por sentir vergonha de si próprio. Depois de vários dias, conhecendo outras pessoas na mesma situação, começou a se “acostumar” com esse “estilo” de vida. Desde quando começou a frequentar a rua, o Sr. João busca se manter através de “corre”, ou de trabalhos informais, como capinação, reparar carro, vender bombom. “A gente faz um corre, dá uma pedida pra um e pra outro, mas isso não é pra costume, mas tem muitos que dão e muitos que não. Por isso que hoje em dia as pessoas faz coisa errada, porque não custa nada dá um pouquinho pra um”.

Ele só conheceu os filhos quando ainda estavam recém-nascidos, desde então, não teve mais contato, o vício pela rua e drogas imperava sobre qualquer outro sentimento. Em vários momentos, ele já pensou em sua

situação, do porquê de estar na rua, sozinho, muitas vezes, batendo um arrependimento.

Quando perguntado o motivo o faria sair da rua naquele momento, ele respondeu que seria um trabalho e um local para morar. Apesar de estar há 06 meses sem drogas, Seu João não conta com ajuda de nenhuma instituição para superar esta fase da vida, apesar de que já esteve em dois centros de recuperação na região metropolitana. Como “O centro é uma coisa que te dá um agasalho, te dá uma comida, uma roupa limpa, mas não é o centro que vai te ajudar, não é o centro que vai te dar o que você quer, se você não fizer por onde, nunca vai consegui o seu objetivo, basta a gente querer”.

Atualmente, tenta mudar de vida. Voltou a estudar e busca ajuda no Centro Pop. Quer fazer um curso de informática e arranjar um emprego para conseguir um lar. De acordo com ele, não está usando droga há 06 meses. O Sr. João diz não procurar a família por ter sentido vergonha de seu estado atual. Somente, após reestruturar sua vida ele pretende procurar sua família. No momento da entrevista estava há 06 meses sem usar drogas. No final da entrevista ele deixou a seguinte mensagem: “A cada dia que passa, se conquista a melhora, uma vida boa, longe de droga, longe de álcool e pode-se conquistar a família que é a melhor coisa que a gente tem”.

Entrevista 02

Data: 14/08/2014

Adécio, 32 anos.

Adécio é do município de Vigia, lá morava com sua família, pai, mãe e irmãos, estudou até o quarto ano do ensino fundamental, aos dez anos de idade iniciou o uso de drogas, influenciado por amigos do meio que frequentava. Começou cheirando tiner, depois cola, álcool, maconha e “pedra”.

E aos vinte anos de idade decidiu vir para Belém e passou a viver em situação de rua onde está até hoje. Saiu de casa por decisão própria, sem ter tido nenhum tipo de desavença ou conflito familiar, somente para ter liberdade. Ele relata que é pelo fato de “não ter dor de cabeça” e não se preocupar com nada, “não gosto que peguem no meu pé”. Aos vinte e dois anos morando nas ruas, conseguiu um emprego fixo de ajudante de pedreiro onde ficou por quatro

meses período em que ficou fora das ruas, até sofrer um acidente, um corte profundo no braço, que resultou na dificuldade de abrir sua mão e na perda de tato.

Hoje para manter-se na rua ele faz artesanatos que vende em vários locais na rua mesmo. Quando é indagado se gostaria de sair das ruas ele afirma que não, pois gosta de ter sua liberdade, contudo gostaria de ter um emprego formal o que ele diz ser difícil já que está sem todos seus documentos inclusive a certidão de nascimento, todos foram perdidos.

Adélcio afirma que procura sua família eventualmente, porém não consegue mais refazer os laços de convívio familiar, aconselha que os jovens evitem o primeiro gole, porque depois vem o segundo e o terceiro e quando perceber a pessoa já está no fundo do poço sem ter como sair.

Entrevista 03

Data: 14/08/2014

Jorge, 42 anos.

Sr. Jorge é de Belém, segundo seu relato, conviveu bem com sua família pai, mãe e irmãos até os doze anos de idade, quando conheceu as drogas e a bebidas que um amigo lhe apresentou. Começou usando maconha, depois cocaína, pasta e oxi, já aos quatorze anos ele foi preso pela primeira vez, por ser menor de idade foi encaminhado aos órgãos competentes de menores infratores, saiu e continuou praticando assaltos e outros delitos, já era maior de idade quando foi preso novamente e foi para o presídio, ficando recluso por vinte e dois anos por acusação de assalto. Ele declara que só foi preso por causa da droga, pois só passou a praticar assaltos por causa das drogas.

Quando saiu do presídio não tinha onde ficar, pois devido a seu temperamento violento causado pelo uso de drogas, agrediu verbalmente várias vezes sua família, tornando assim o relacionamento difícil, isso fez com que quando ele saísse do presídio fosse direto para as ruas, ficando em situação de rua por sete anos.

O entrevistado relata que os primeiros dias das ruas são terríveis, pois não se sabe o que fazer, para onde ir, onde comer, se vier uma chuva onde ficar, até “cair a ficha de que se está na rua”, no período em que ele ficou na rua trabalhou como flanelinha para sua sobrevivência. Após esse tempo

vivendo nas ruas o Sr. Jorge fez muitos inimigos, contribuindo para o desejo de sair das ruas.

Foi então que o Sr. Jorge conheceu o Centro Pop, voltou a estudar e foi encaminhado ao Albergue CAMAR, onde há três meses está dormindo, voltou a estudar, está cursando a terceira etapa e pretende a fazer curso para segurança.

Nesse período ele não manteve contato com a família, mas gostaria de reencontrar sua ex-companheira com quem teve quatro filhos, o Sr. Jorge ainda tem mais oito filhos com outras duas mulheres. Segundo ele, sabe do paradeiro de todos, só não os procura por ter vergonha de sua situação, e também pelo fato de ainda ter recaídas no uso das drogas, mas ele gostaria de deixar os vícios e retornar ao convívio familiar.

Entrevista 04

Data: 28/08/2014

Antônio, 19 anos.

Antônio é paraense e filho de pais separados e tem 12 irmãos. Após a separação dos pais, ainda pequeno, foi morar com o pai alcoólatra que morreu na sua frente, de cirrose. Logo após a morte do pai, não conseguiu manter um bom relacionamento com a mãe, pois achava que ela era a culpada pela morte do pai, o que se tornou um dos fatores primordiais para que o adolescente comesse a entrar no mundo das drogas.

A primeira droga que conheceu foi o tinner, depois, a maconha e então, o oxi. Depois desse último, o vício ficou incontrolável e começaram os roubos em casa, pegava objetos da casa de sua mãe e do padrinho para comprar drogas, até que foi parar na rua. Quando perguntado sobre a diferença entre as drogas, o jovem tenta explicar, diz que o oxi aflora os medos do ser humano, enquanto que a maconha desinibe a pessoa, que fica “alegre”; e a cocaína deixa a pessoa assustada e o coração acelerado.

A entrada para o universo da rua se iniciou quando tinha 15 anos. O primeiro meio de sobrevivência e manutenção do vício foi lavar carro para sobreviver. Entre idas e vindas da casa da mãe e de clínicas de reabilitação, o jovem diz que certo dia, roubou todos da vizinhança e foi parar na DATA, onde tem dez ocorrências. Sabendo que os roubos e furtos que cometia eram devido

ao vício, chegou a pedir ajudar para a juíza para sair da situação, entretanto, só conseguiu frequentar dois dias o CCDQ (Centro de Cuidados a Dependentes Químicos), pois o vício foi muito mais forte que a vontade de libertação.

Atualmente, para sustentar o vício, o jovem geralmente compra bombom para vender nos coletivos e repara carro. Parou de estudar aos 13 anos, cursou até a quinta série do ensino fundamental. Dessa forma consegue manter o vício. Durante a entrevista estava há 17 dias sem usar drogas. Já havia sido internado três vezes em clínicas de reabilitação, mas em nenhuma conseguiu sucesso e ressaltava na entrevista a ausência da família durante as tentativas de recuperação.

São Braz, Avenida Presidente Vargas, Ver-o-peso, Praça Valdemar Henrique, Shopping Pátio Belém, Avenida Nazaré e Loja Novo Mundo, são os lugares que o jovem costuma frequentar, visto que muda de lugar frequentemente, devido às constantes brigas nas ruas e aos inimigos cultivados na disputa pela droga. No decorrer da entrevista, o jovem relata algumas confusões no ambiente da rua, inclusive que participou de um homicídio, por causa de um celular roubado de sua namorada. Ressalta-se que o jovem, no dia da entrevista, estava se recuperando de uma tentativa de homicídio contra a sua pessoa, pois estava com o abdome e costas com várias perfurações de faca.

Quando perguntado se quer sair desse mundo, o adolescente fala: “Se eu não saísse dessa, eu ia morrer, a minha família ia sofrer mais desgosto, ia ficar mais preocupada. “É mais fácil sair agora, mas antes não era porque eu tava no começo de dependência. Quando a pessoa tá no começo é difícil”.

Entrevista 05

Data: 28/08/2014

Charles, 23 anos.

Charles é natural da Guiana francesa, é solteiro e atualmente residia no município de Bragança com sua mãe, o padrasto e sua irmã. Estudou até o segundo ano do ensino médio estava trabalhando informalmente. Está há seis meses em situação de rua, veio a Belém para tirar documentos e foi roubado em festas ficando sem o dinheiro que sua mãe lhe deu para a viagem, com

vergonha de procurá-la tentou resolver a situação sem êxito. Sem ter onde ficar não lhe restou outra saída se não as ruas.

Procurou o Centro Pop após informações de que aí teria como tirar seus documentos e desde então frequenta o centro, onde passa o dia inteiro e a noite vai para um posto de combustível na Doca, mesmo convivendo esse período nas ruas não se envolveu com drogas. As orientações de sua mãe e a observação às as situações ruins dos usuários o mantiveram longe dessa experiência, pois segundo ele “não é porque a pessoa está na rua que ela vai se matar”. Usa o álcool e tabaco com pouca frequência.

Nesse período Charles mantinha contato semanal com sua mãe sem lhe comunicar que estava em situação de rua. Da experiência de viver na rua, Charles relata que a única parte boa é a liberdade de não ter horários e compromissos, pois segundo ele quem faz as leis não são os homens (policia), mas sim cada um faz suas leis e horários, a parte ruim é a solidão a falta de ter para onde retornar após um dia todo na rua “não sei francamente como tem muitos que aguentam passar dez anos na rua”.

Para Charles hoje se uma pessoa quiser sair da situação de rua ele pode, pois tem muitas instituições como o Centro POP e centros de caridade, facilitando o regresso à sociedade com alimentação, local para tomar banho, encaminhamento para tirar documentos, mas segundo ele muitos já se entregaram.

Hoje Charles espera tirar seus documentos, voltar para sua família, voltar a trabalhar, estudar e concluir o ensino médio. Ele deixa claro que saindo dessa situação vai dar mais valor ao que tem e espera nunca mais repeti-la.

Entrevista 06

Data: 02/09/2014

Nilson, 43 anos.

Sr. Nilson é maranhense, tem duas irmãs e cursou até a segunda série do ensino fundamental. Sua infância foi marcada pela morte da mãe. A avó materna cuidou dele até uma certa idade, quando o entregou ao pai, em

Macapá, que era casado e não cuidava bem dos três filhos. Até hoje não tem contato com o pai e afirma não gostar dele.

Quando tinha 12 anos de idade, devido aos conflitos com o pai e a madrasta, resolveu sair de casa e resolveu enfrentar a vida sozinho. Do Amapá foi para Itaituba, e se sustentava vendendo pão e picolé. Desde então, conheceu inúmeros municípios do Estado do Pará, como Santarém, Oriximiná, Óbidos, Juruti, Altamira. Trabalhou em garimpo e em outros tipos de serviços autônomos. Nem sempre morou na rua. Nos municípios por que passou residia em casa própria. Está em Belém há 10 meses e trabalha como ajudante numa barraca de comida típica no mercado do Ver-o-Peso. Relata que ainda não está trabalhando com carteira assinada, porque bebe todos os dias, além de relatar que fuma maconha, “sempre na viração”, como afirma o mesmo.

O corpo marcado por várias facadas e tiros mostra o sofrimento da vida. Nilson não fica muito tempo em um estado ou município, pois diz que sua terra é Manaus, onde a filha e os netos moram e pensa em voltar para morar ao lado deles, futuramente. Diz ainda não estar preparado para ir morar com a filha, que é evangélica, pois ainda não “aceitou” Jesus. Além disso, revela que, por enquanto, não pode retornar à Manaus por conta de ter medo de vingança, devido a uma briga em que se envolveu por lá e, por isso, quase morreu, por isso veio para Belém e pretende ficar na capital até 2016.

Em Belém, não tem um lugar certo para dormir. Prefere ficar sozinho, andar e beber pela cidade, mas sem muitas amizades, por conta de várias traições que sofreu no decorrer da vida. Quando perguntado se tentou fazer tratamento para largar o álcool e a maconha, ele diz que “só Deus”, demonstrando menor possibilidade e vontade de largar tal vida. Quando perguntado como faz para se sustentar, ele disse que sempre trabalhou no mercado informal e, se tivesse juntado dinheiro, teria conseguido comprar uma casa, entretanto, o vício na bebida e, de vez em quando, na maconha, não o deixa ter um paradeiro fixo e nem retornar para o seio familiar.

Entrevista 07

Data: 02/09/2014

Gerson, 28 anos.

Gerson é de Igarapé Mirim, interior do Pará, tem três irmãos e uma filha de 05 anos. Quando chegou em Belém, com 18 anos, foi morar com as tias no bairro da Pratinha II, onde viveu por sete anos. Já viciado em drogas, afirma que veio para a capital para que pudesse se esconder das coisas erradas que podia fazer. cursou até a quinta série do ensino fundamental. Veio para Belém na busca de emprego, mas como não conseguiu vendia bombons nos ônibus para alimentar seu vício nas drogas, depois começou a pedir nos coletivos. Com más companhias, resolveu assaltar um ônibus, o que impossibilitou de retomar as vendas nos coletivos. “Fui influenciado pelos meus amigos que estavam roubando direto ônibus, aí eu fui também”. Depois desse acontecimento, Gerson chegou a ser preso várias vezes. “Depois desse assalto, aí fiquei desacreditado, quis só ficar nessa vida. Aí fui preso, saí, fui preso de novo, saí de novo... fiquei uns três meses, quatro meses”. Durante a entrevista, não quis entrar em detalhes dos motivos que o levaram a ficar preso.

“Fui pra rua por causa da droga”. Começou a usar droga com 14 anos, iniciou com a maconha, apresentada pelos amigos da rua, “fiquei só na maconha em primeiro lugar. Ficava bem. Doidão. Pensei que isso ia me levar a alguma coisa, mas acabou me levando a outra droga”. Logo depois o jovem experimentou o óxi e, juntamente, com álcool, iniciou sua vida de assaltos e mais drogas. “Era só no cachimbo, era a minha preferência que eu usava, porque além de ela me deixar com medo, me deixava tranquilo”. Com 25 anos começou a morar na rua, morava com uma tia e não queria ter o peso de causar sua morte, pois se sente culpado pelo falecimento da mãe, em virtude da imensa preocupação que causou a toda a família. “Quando eu tava na rua eu fazia tudo: trabalhava, vendia, vendia droga, fazia tudo. Cheguei a dar muita canelada em traficante, também. Fazia muita coisa errada mesmo”. “Minha briga na rua era por causa de droga”.

Em uma das suas investidas no mundo crime, no Bairro da Pratinha, quase foi linchado pela população, durante uma tentativa de assalto, e passou 21 dias em coma no Pronto Socorro Municipal. Posteriormente, chegou a se converter à doutrina evangélica, mas o vício não o deixou longe da rua por muito tempo. “Quando eu saí da palavra, o bagulho endoidou mesmo, fui pra

rua, fiquei na rua...”. O Jovem voltou ao mundo do vício de forma mais intensa, mergulhou de vez, como frisou. Por dia, conseguia gastar 200 a 300 reais em drogas, dinheiro fruto de assaltos. “Fiz muita coisa errada por causa da droga, roubei muita gente por causa da droga, mas eu creio que Deus perdoa, né..”

Gerson estava há 03 semanas sem usar droga, pois foi para uma clínica de reabilitação. De acordo com o entrevistado, no período que estava na rua só mantinha contato com a família quando estava preso, na esperança de obter ajuda. O discurso do entrevistado retrata arrependimento e um discurso religioso muito forte como forma de se apoiar na luta contra as drogas.

Entrevista 08

Data: 02/09/2014

Patrick, 20 anos.

Patrick é de Belém, estudou até o terceiro ano do ensino fundamental. Sua família é do bairro do Benguí. Está na rua há 06 meses e, predominantemente, fica na Av. Presidente Vargas. Não conviveu com o pai, pois só viu o mesmo, por duas vezes. Morava com a mãe e 5 irmãos, dois foram mortos. Mantém contato com a mãe e a irmã, somente. Disse que fugiu de casa porque furtou o dinheiro da irmã, “fui eu mesmo que quis pegar o dinheiro, aí fugi. Fui morar na casa de um colega meu, aí fiquei um mês, aí depois saí de lá e fui pra rua. A mamãe também dormia na rua, porque ela conheceu um rapaz e gostou dele e dormia na rua”.

O entrevistado relata que ele e a mãe ficavam na rua juntos. Para sobreviver, pediam comida e contavam com a solidariedade das pessoas das igrejas que distribuíam comida. O jovem diz que se acostumou a ficar na rua, que não consegue ficar em casa por muito tempo, por isso passa grande parte dos dias nas ruas, apesar de sentir medo de dormir sozinho à noite. O jovem usava maconha, mas afirma que está sem usar há alguns meses.

A família de Patrick, de acordo com o entrevistado, não se importa muito pelo fato de ele estar na rua. Com apenas 20 anos, o jovem parou de estudar por decisão própria e afirma que gostaria de voltar para a escola. Entretanto, ao mesmo tempo, diz que é muito difícil não ficar na rua, que é onde se sente livre, por isso as idas e vindas entre sua casa e a rua são constantes.

Entrevista 09

Data: 02/09/2014

Isaac, 48 anos

Sr. Issac é de Belém, do bairro da Pedreira. Tem seis irmãos. Cresceu no ambiente familiar com os irmãos e os pais.

Está há 13 anos na rua. Com 12 anos começou a usar o álcool. O vício inicial era o álcool e a droga. “Da droga me livrei cedo”. Isaac tem 01 filho, que mora com ele na rua. Atualmente tem pouco contato com a família.

Quando perguntado o que o faria sair da rua, o entrevistado disse que uma casa o faria procurar trabalho. Está há cinco meses sem beber. “Devemos procurar as pessoas que estão com o mesmo objetivo, que não querem mais usar droga, que querem sair desse círculo vicioso” De acordo com o entrevistado, ele foi morar na rua por causa de problemas de família. Após a morte da mãe, tornou-se alcoólatra e drogado, passando a maior parte do tempo na rua, muitas vezes, lá dormia.

Isaac foi para nas ruas devido a desentendimentos familiares. A convivência não muito boa com sua família, o uso excessivo de álcool e o desemprego são fatores primordiais para entender porque ele ainda permanece fora de um lar. Durante a entrevista, ele se mostrou confiante e reconquistar seu lar através do Programa Minha Casa Minha Vida e formar uma família com seu filho Ricardo.

Entrevista 10

Data: 02/09/2014

Carlos André, 30 anos.

Sr. Carlos Alberto, veio do município de Portel para Belém para conseguir um emprego, porém não foi possível, pois houve um desencontro com a pessoa que o empregaria e esse fato aconteceu há um ano, tempo em que ele está em situação de rua.

Em Portel sua infância foi de dificuldades, morou com seus pais e irmãos, não estudou, não é alfabetizado, é solteiro e tem dois filhos que moram em Macapá. Desde sua chegada a Belém não mantém contatos com sua família que mora em um interior de Portel e com os filhos em Macapá, perdeu os números.

Nas ruas, está se mantendo como reparador de carros, não é usuário de drogas, usa o álcool e tabaco somente quando tem dinheiro.

Atualmente o Sr. Carlos André está sem os documentos que perdeu nas ruas, ele tem uma deficiência na mão esquerda, e diz que é difícil conseguir um emprego nestas situações sem documentos, sem endereço e deficiente.

Para o Sr. Carlos André, a experiência de estar em situação de rua é muito ruim, pois segundo ele quem mora na rua corre muitos risco de morrer por qualquer motivo, e só permanece nessa situação porque não tem como voltar para Portel já que perdeu os contatos e não tem condições financeiras de retorno. “Eu nunca morei na rua, só agora quando cheguei em Belém”.

Quando pergunto a ele o que o faria sair das ruas, ele afirma que seria conseguir um emprego para poder pagar um lugar para morar ou retornar a Portel, pois “morar nas ruas não dá”.

Entrevista 11

Data: 02/09/2014

Márcia, 27 anos.

Márcia, é de Fortaleza onde morava com seus pais e cinco irmãos. Sua infância foi marcada por muitas brigas familiares e dificuldades financeiras esse cenário fez dela usuária de drogas desde os dez anos de idade. Ela começou usando maconha e logo depois pasta e o oxi, teve os primeiros contatos com as drogas na escola onde estudou somente até o quarto ano do ensino fundamental. Já com doze anos começou a se prostituir para manter o vício que ainda era sem o conhecimento dos pais. Nesse período saiu de casa com sua irmã que passou a ser companheira de um traficante o que fez com que o vício ganhasse uma força incontrolável e vieram para Belém, onde estabeleceram residência no bairro do Jurunas e, também, ponto de tráfico.

A partir daí ela declara “minha vida é só droga”, nunca trabalhou, não procurou manter contato com seus pais e passou a viver em situação de rua desde os dezessete anos.

Hoje Márcia tem um companheiro e quatro filhos de nove, sete e cinco anos e a caçula de cinco meses que são filhos do companheiro anterior, as crianças moram com sua irmã, e devido a seu vício, ela somente visita seus

filhos e mesmo sendo frequentemente ela se declara triste em ver que seus filhos estão crescendo do mesmo modo em meio as drogas.

Nesse período que Márcia está nas ruas, ela se envolveu com roubo e tráfico de drogas o que a levou ser presa por cinco meses. Ela declara que todo dia faz pequenos roubos para manter o vício. Márcia declara querer sair dos vícios.

Quando pergunto como é para uma mulher viver nas ruas, a entrevistada relata que é muito ruim, que ela se sente humilhada, ela diz que não é respeitada, e cita que quando foi encaminhada a um centro de recuperação foi bastante desrespeitada, pois apanhou dos monitores. E é ruim dormir no chão ser mordida por ratos e que sente muito medo quando está se drogando e isso ocorre todas as noites e dura toda a madrugada e ela só para quando amanhece o dia.

Indago qual sua expectativa para o futuro, ela responde que quer estudar, fazer faculdade, e para os filhos ela espera que estudem, tenham emprego, suas casas e constituam famílias e que não vivam a vida que ela vive.

Márcia declara que a única forma dela sair das ruas seria sua saída das drogas, se ela tivesse ajuda para sair das drogas, certamente sairia da rua.

Entrevista 12

Data: 02/09/2014

Jaílson, 21 anos.

Jaílson é de São Luiz no Maranhão, solteiro, pai de um menino de quatro anos e estudou até o quinto ano do ensino fundamental, lá morava com sua mãe e três irmãos. Há três anos veio para Belém morar com seu pai e sua madrasta, porém não se adaptou às regras impostas a ele, não as aceitava já que seu pai não o criou e isso o levou sair de casa, e sem ter onde ficar, foi morar nas ruas, e está há dois anos em situação de rua e já faz quase um ano que Jaílson não mantém contato com sua família.

É usuário de drogas desde os dez anos, começou a se envolver com as drogas após a implantação de um projeto de Circo Escola próximo à sua casa, pois muitos jovens e mesmo crianças que participavam do referido projeto eram usuárias e praticavam o vício ali mesmo nas proximidades da escola “e

olhava os caras fazer, nós já arrumamo um grupinho já, e passamo a cheirar cola” relata o entrevistado, depois passou a usar o crack fumando “na cinza” e “passei pro cachimbo foi a destruição da minha vida”. A partir de então afirma que passou a “aprontar” em casa e na rua o que o levou a passar várias vezes por orientação ao menor. Na escola passou a ser reprovado de ano e já não frequentava os horários de aula, faltava bastante. O entrevistado relata que sua mãe não sabia que ele era tão “desguiado”, quando ela descobriu ficou chateada, pois dois de seus irmãos também usuários, um foi morto pela polícia e outro foi morto em um assalto, para Jaílson o que o levou a usar drogas foi o meio em que vivia, mesmo sabendo do mal que as drogas causariam, achou que devia usar como as pessoas que moravam em sua vizinhança faziam e que facilmente deixaria o vício se quisesse.

Hoje para manter o vício ele faz assaltos, pois consome drogas todos os dias e é só ter dinheiro que ele usa, não tem interesse em trabalhar, não acha justo deixar o dinheiro de um mês inteiro de trabalho na mão de traficantes.

Jaílson veio a Belém para melhorar de vida, mas ele relata que foi pior, já que em São Luiz não precisou morar nas ruas. Em sua opinião, os maiores problemas da população em situação são a polícia que espanca, as drogas e a violência. Já se habituou nesse ambiente. “Já criei o vício de morar na rua, já me acostumei” relata o entrevistado principalmente pela liberdade de usar drogas em qualquer lugar. Quando pergunto o que o faria deixar a situação de rua, ele responde que é o apoio da família, permitindo que ele tivesse acesso a sua casa mesmo sendo usuário.

Para o futuro não tem nenhuma expectativa. Segundo ele do seu futuro quem sabe é Deus, não tem projetos, não quer voltar a estudar nem trabalhar, vive um dia após o outro sem planos e, para o filho, espera que sua mãe o continue criando e que ele tenha um futuro melhor que o seu.

Entrevista 13

Data: 12/09/2014

Augusto, 44 anos

Sr. Augusto é de Belém. Em 1997, sua mulher matou seu irmão. Seus filhos foram doados pelo Conselho Tutelar, depois que Augusto ficou sem casa. O entrevistado foi para a rua com 16 anos, passou quase 10 anos preso. “O que eu passei não quero nem que meus inimigos passem”. Utilizou vários tipos

de drogas. Não recorda da sua família, diz que perdeu a memória. Ainda usa droga, principalmente maconha.

Os filhos, levados pelo Conselho Tutelar, não tiveram mais contato com o pai. De acordo com Augusto, eles forma doados para um casal que mora no exterior, o que causa imensa angústia no entrevistado. Desde então, Augusto vive na rua e diz que nem sabe por que ainda não morreu, visto que não tem mais prazer em viver e que já tentou, de diversas formas, reencontrar os filhos, mas ninguém lhe informa o seu verdadeiro paradeiro.

Entrevista 14

Data: 12/09/2014

Anderson, 29 anos.

Anderson é de Belém e tem 3 irmãos. Com 7 anos seus pais morreram de acidente de carro. Posteriormente, foi morar com a tia em Ribeirão Preto, mas não conseguiu se acostumar no novo ambiente familiar. Está há mais de 8 anos na rua. Anteriormente, morava no sul do país com os irmãos, mas resolveu voltar para Belém. Quando chegou à capital foi morar na rua. O entrevistado ganha a vida como garoto de programa. Com 12 anos, Anderson teve sua primeira mulher, depois se casou mais três vezes.

Anderson bebe, fuma cigarro e, de vez em quando, maconha. “Não é legal estar nessa vida, mas eu prefiro tá assim do que tá roubando”. Para Anderson, o que mais marcou durante esse tempo na rua foi o tiro que ele deu em um cara, que estava tentando estuprar uma mulher.

Com os programas, lucra por volta de 100 a 150 reais por programa. “Eu sei que isso não é da parte de Deus, mas eu prefiro tá fazendo isso do que tá fazendo besteira”. De segunda a sexta, Anderson fica no Centro Pop. Passa a noite trabalhando ou fica “rodando”, como mesmo afirma. Nos fins de semana tem cliente fixa e, assim, consegue descansar.

O entrevistado relata que gostaria de sair da rua e da prostituição, mas diz que acabou se acomodando com a vida fácil e de conforto. Apesar de não ter casa, tem muitas “amigas” que o ajudam. Com apenas a escolaridade de ensino fundamental, o entrevistado diz que ainda espera fazer algum curso para conseguir um trabalho e, assim, abandonar a vida de garoto de programa.

Entrevista 15

Data: 12/09/2014

Suelem, 22 anos.

Suelem tem cinco irmãos, apesar de morar na rua, geralmente vai em casa. Não tem filho. Casada, conheceu o marido no Centro Pop. Estudou até o segundo ano do ensino médio. Está há três anos na rua. O motivo que a levou a ir para a rua foi ser tratada com indiferença pela família, além de inúmeras brigas. Vive na rua desde os 15 anos de idade.

Suellem experimentou a pasta com 15 anos. Depois de um estupro, sofreu uma depressão e, então, começou a utilizar drogas o que a levou para a rua. Atualmente, Suellem usa óxi. Afirma que, devido às acusações de furto, de sua família, é difícil a sua relação, pois não há confiança entre ambas as partes. A entrevistada parece estar, de certa forma, conformada com sua condição. Nota-se que as marcas do estupro perduram até hoje, motivando a sua permanência nas drogas. O acusado não foi preso. Esse fato marcou profundamente a vida da entrevistada, que relata agressividade e que, inclusive, precisou de um acompanhamento psicológico, pois engravidou e sofreu um aborto espontâneo. “As vezes o clima está muito pesado dentro de casa, aí eu prefiro ir pra rua”. Em certo momento da entrevista, Suellem diz que não consegue ficar em casa, pois a rua oferece liberdade, entretanto, se tivesse oportunidade de trabalho, afirma que sairia da rua.

Entrevista 16

Data: 12/09/2014

Alexandre, 40 anos.

Alexandre é de Belém, tem 9 irmãos, cursou o ensino fundamental completo e mora na rua há 02 anos. Foi morar na rua por conta de briga familiar, pois sua irmã não quis sair da casa que ele estava morando e, segundo o entrevistado, para que ele não fizesse coisa pior, resolveu sair de casa e ir para a rua.

Da infância, recorda que frequentava os eventos da igreja. Afirma que teve uma boa infância. A vida na rua não lhe foi estranha, visto que o entrevistado afirma que já mantinha contato com terceiros, pois fez parte de

72

gangue por dois anos, o que lhe possibilitou ter contato com a vida na rua. Entre os 17 e 30 anos, sua vida girou em torno dos amigos que formavam a gangue, período em que conheceu e, após isso, começou a trabalhar de forma autônoma, como pintor de letras.

Quando não está no Centro Pop, Alexandre diz que come pelas doações que recebe na rua. A família já tentou tirá-lo da vida, mas ele não quis retornar para casa. Para o entrevistado, ainda há esperança que sua irmã saia da casa e de retornar para o lar.

Entrevista 17

Data: 12/09/2014

Ronaldo, 32 anos.

Ronaldo é de Fortaleza, estudou até o quinto ano do ensino fundamental, da infância recorda os momentos de grandes dificuldades e do fato de ter se desgostado da escola devido a seus pais o forçarem a estudar, chegando até a bater nele. Precisou trabalhar desde os dez anos de idade em serviços pesados, como de carregador de sacos, então definitivamente largou a escola. Aos quinze anos de idade, devido a brigas familiares esfaqueou seu irmão, fato que o fez sair de casa e a procurar ajuda para vir a Belém e morar com sua avó. Aqui não se adaptou ao novo convívio e saiu de casa para viver em situação de rua o que já perdura dezessete anos.

O entrevistado não é usuário de drogas ilícitas, consome álcool com frequência. Ele tem contato com sua avó onde passou recentemente cinco meses, novamente por problemas familiares ele retornou às ruas, nesses momentos de idas e vindas da casa de sua avó ele teve um relacionamento que durou três anos e teve duas filhas que hoje têm quinze e dez anos de idade e moram no município de Bragança. Devido à relação que mantém com a avó, e pelo fato de ter acesso a sua casa ele não se considera em situação de rua, mesmo a dezessete anos de convivência nas ruas.

Ronaldo relata sua rotina da seguinte maneira, pela manhã ele frequenta o Centro Pop para sua higiene pessoal e tomar café da manhã. Depois se desloca para o local onde desenvolve a função de flanelinha, alcançando uma renda semanal de R\$-80,00 (oitenta reais) em média. Passa a noite na Praça Waldemar Henrique onde janta e dorme há nove anos.

Da experiência de viver nas ruas, ele declara ser normal, e cita dois fatos que o marcaram em dois momentos diferentes em que foi agredido fisicamente. No primeiro, ele foi confundido com quem tinha roubado um objeto e levou um tiro do acusador. No segundo, uma pessoa pediu a ele que comprasse uma bebida e uma terceira pessoa bebeu e ele novamente foi confundido agora em ter ingerido a bebida e levou uma facada. O entrevistado relata “mas os dois tão no inferno já, mandei os dois pro inferno”, quando perguntado se é apenas modo de falar ele afirma, “eu, eu fiz”, e prefere não detalhar os fatos. Para Ronaldo, a pessoa que começa a dormir nas ruas já começa uma situação difícil, e ela vai pulando de fase em fase, até conhecer a pessoa certa que irá passar conhecimento da rua, ele compara a um curso em que cada fase faz a pessoa se acostumar com essa situação, já que se conhecerá vários tipos de pessoas como traficantes, ladrões, alcoólatras, pessoas que não tem vícios e o caso é se adaptar a situação e tratar com o devido respeito e cuidados a todos.

Quando pergunto o que o faria sair da situação de rua, ele é enfático em afirmar que um emprego de carteira assinada, para voltar a morar com sua ex-companheira e suas filhas.

Entrevista 18

Data: 12/09/2014

Iran, 42 anos.

Sr. Iram é de Belém, do bairro da Terra Firme. Cresceu no ambiente familiar com sua mãe, seu padrasto e duas irmãs. Estudou até o segundo ano do ensino fundamental.

Após o falecimento de seu padrasto e principalmente de sua mãe, suas irmãs não o aceitavam como irmão, pois eram irmãs apenas por parte de mãe e devido aos desentendimentos familiares o Sr. Iram buscou as ruas para viver e está em situação de rua desde os treze anos de idade.

Sr. Iram declara que, desde que veio morar na rua, tornou-se usuário de drogas, para manter seu vício ele realizava pequenos serviços na feira do Ver-o-Peso e pequenos assaltos. Mas largou o vício há um ano, após uma experiência que quase o levou à morte, quando depois de se drogar devido as alucinações se jogou no canal da Av. Tamandaré, ficando preso lá por toda

madrugada e, segundo ele, por um milagre no outro dia conseguiu pedir ajuda a uma pessoa que passava que chamou o socorro, dessa situação ele saiu bastante machucado e adquiriu micoses por todo corpo e está há três meses sem consumir álcool. Deixou os vícios sem tratamento químico. Declara que basta a pessoa determinar que queira deixar o vício e consegue, nesse período não teve nenhuma recaída. Hoje reflete que perdeu muito tempo com as drogas, que estava em um estado lastimável como declara “quase mendigo”, não tomava banho e não trocava de roupas por dias sob o efeito das drogas, atribui a Deus o fato de ter conseguido ter forças para uma nova etapa de vida sem drogas.

No período dessa entrevista o Sr. Iram está em busca de ajuda no Centro Pop para rever seu direito na participação da herança de sua família, já que suas duas irmãs faleceram.

Entrevista 19

Data: 12/09/2014

Marta, 32 anos.

Marta é natural do Amazonas, veio para o Pará com sua família para o município de Santarém, onde morava com sua mãe e três das cinco irmãs e seus três filhos. Há dois anos veio para Belém na tentativa de conseguir um emprego, porém não foi bem sucedida no seu objetivo, pois encontrou dificuldade, devido a sua escolaridade, ela estudou até o quinto ano do ensino fundamental, e desde então está em situação de rua.

A entrevistada declara ter tido dificuldade para encontrar serviço até mesmo de doméstica. Veio ao centro Pop em busca de ajuda para conseguir uma passagem de retorno a Santarém, já que está nesta situação aqui, prefere voltar e cuidar dos filhos que hoje estão sob o cuidado de sua mãe. Desde que chegou a Belém não conseguiu manter contato com sua família.

Marta não é usuária de drogas, consome álcool e tabaco, e segundo ela somente entre amigos em Santarém.

Da experiência de rua ela declara ser muito perigoso, principalmente por se sentir sozinha, porque tem muita gente ruim, muita gente braba e drogada. Marta não tem paradeiro certo e para se alimentar ela conta com a caridade das pessoas a quem pede ajuda.

Hoje seu maior desejo é retornar a Santarém e ao convívio familiar e frequentar uma igreja para sempre agradecer a Deus sua saída dessa situação.

Entrevista 20

Data: 12/09/2014

Entrevistado: Sidney, 57 anos.

Sr. Sidney é de Belém, onde viveu no bairro do Guamá com seu pai, mãe e irmãos até os nove anos de idade, quando foi morar em Castanhal com uma tia e lá ficou até os dezoito anos de idade, onde estudou até o oitavo ano do ensino fundamental, depois morou com vários de seus irmãos. Ele relata que isso aconteceu devido à sua família ser “barra pesada” e acorriam muitas brigas entre eles, até que ele saiu da casa de sua irmã mais velha para se instalar nas ruas na década de noventa. Ele não consegue precisar exatamente, mas faz pouco mais de duas décadas que vive em situação de rua.

O entrevistado relata que o único vício que tinha era ligado ao sexo, porém já conseguiu deixá-lo. Hoje para manter-se nas ruas ele conta com uma pensão de um pouco mais de R\$-200,00 (duzentos reais) e da ajuda que recebe das pessoas e de estabelecimentos que doam alimentação.

Da experiência de viver na rua não se pode ser tirar nada de bom, “o que você tira de bom do sofrimento?” pergunta o Sr. Sidney, afirmando que o tempo que está na rua foi um período de muito sofrimento. Ele atribui esse sofrimento ao pagamento de suas obras más, de erros graves que cometeu no passado. O Sr. Sidney procura fazer de sua permanência nas ruas o melhor possível, dorme em São Brás há bastante tempo, durante o dia, quando não está no centro Pop, procura passear por lugares diferentes, praças, praias, segundo ele é bom ver novas paisagens.

Para seu futuro ele espera o melhor possível, pois segundo suas palavras ele está plantando coisas boas para colhê-las, e aguarda o dia em que poderá voltar à casa de sua mãe, assim que ela desocupá-la.

4. A população em situação de rua - a ponta do *iceberg* das mazelas sociais de um ambiente urbano estruturalmente excludente

Certamente, pode-se alegar que os 583 moradores que, em Belém e em Ananindeua, vivem em situação de rua representem um fenômeno estatisticamente negligenciável em dois Municípios vizinhos que, em 2010, abrigaram uma população de 1.863.775 habitantes. E se, ainda, levarmos em conta que com a implantação dos Centros Pops foram introduzidas unidades de atendimento que se destacam pelo seu profissionalismo no tratamento do problema em questão, parece pertinente levantar a hipótese de que, em princípio, a questão dos moradores em situação de rua no âmbito da Região Metropolitana de Belém tem sido encaminhada para uma solução. Entretanto, não obstante sua aparente coerência, esta argumentação é altamente superficial e, em última instância, enganosa num contexto urbano estruturalmente excludente, onde no final da primeira década do século XXI quase 16% da população viviam entre a linha da indigência e a linha da pobreza e abaixo da linha da indigência. Enfim, uma população à qual, como realçamos no primeiro capítulo, nega-se o *direito à cidade* na acepção de Henri Lefebvre.

No que diz respeito aos desdobramentos desta *urbanização selvagem* nas décadas passadas, vale fazer uma rápida referência à pesquisa de Mitschein, Miranda, Paraense (1989) sobre as condições de sobrevivência nos bairros periféricos de Belém que foi realizada em 1987 e da qual queremos mencionar os seguintes dados:

- 64,2% dos moradores entrevistados vinham de microrregiões vizinhas como a Bragantina, Salgado, Guajarina, Tomé Açu, Campos de Marajó ou Baixo Tocantins como migrantes paraenses de origem rural;
- Os principais motivos migracionais, mencionados pelos entrevistados, eram a procura de trabalho, carências infraestruturais no Interior, o desejo de encontrar melhores condições de vida e a necessidade de acompanhar familiares;
- 47 % já tinham visitado Belém pelo menos uma vez antes da migração;

- 65% vieram acompanhados de familiares quando decidiram morar definitivamente em Belém;
- 60% acharam o primeiro abrigo na casa de parentes ou amigos e
- Quase a metade conseguiu o primeiro trabalho através da indicação de parentes ou amigos. No que diz respeito às condições de ocupação, emprego, renda e escolaridade dos entrevistados, cabe realçar que
- Apenas 27,3% tinham vínculo empregatício;
- A renda mensal de dois terços não ultrapassava dois salários mínimos;
- 53,7% achavam mais vantajoso trabalhar por conta própria, mencionando as seguintes razões: "É melhor não ter patrão, há mais liberdade de horário, pode-se ganhar mais";
- 24,3% estavam sem escolaridade e
- 40,3% tinham frequentado o ensino fundamental apenas até a quarta série.

Segundo a mencionada pesquisa, chamava atenção a ambivalência com que os entrevistados justificavam a sua opção pela cidade grande. A migração se tornou necessária pelas precárias condições de sobrevivência no Interior. Mas, se tivesse tido alternativas, teria sido melhor deixar de vir à capital.

Por outro lado, não esconderam a sua descrença na auto-organização em seus bairros; pela destacada desunião entre os moradores e, também, pela falta de confiança nos políticos que prometiam *mundos e fundos*, mas não cumpriam a sua palavra. Mas tais frustrações não se chocavam com a esperança de poder contar com o favor da figura do *pistolão* que abre portas e remove obstáculos. Contudo, por mais que os entrevistados tenham abordado com clareza as enormes dificuldades de sua adaptação a um *habitat* urbano, onde a monetarização dos principais insumos de sua reprodução física estava transformando sua vida cotidiana num verdadeiro pesadelo; ao mesmo tempo transmitiam sua valorização de normas de convivência social que diziam respeito à unidade e hierarquia familiares ou ao respeito mútuo entre vizinhos. Normas, aliás, que eles mesmos identificavam com experiências que tinham vivenciado em seus lugares de origem. Como o **mutirão** enquanto mecanismo de ajuda mútua entre agricultores familiares que preparam os seus roçados. Ou o **sistema de aviamento**, uma tradicional

forma de exploração dos produtores agroextrativistas que, não obstante sua dimensão parasitária, tendia a ser encarado pelos últimos como uma relação de benefício mútuo, cumprida por acordos verbais com os representantes do capital comercial e usurário (Santos 1980).

Enfim, práticas sociais que faziam parte de uma herança cultural que, segundo Mitschein, Miranda e Paraense (1989), incentivava na fase da acelerada expansão dos bairros periféricos da capital paraense a postura passiva das classes subalternas diante das condições de sua segregação social e espacial. No entanto, uma "reserva gratuita de dominação" (*ibid.* p. 29) desta natureza, ancorada em estilos de vida que se reproduzem à margem da lei capitalista de valor, não é um poço sem fundo num contexto urbano que nega à esmagadora maioria das classes populares condições minimamente satisfatórias em áreas tão essenciais, como saúde, saneamento, moradia, educação, segurança alimentar e renda familiar, mas, concomitantemente, os insere na órbita dos modernos métodos de *marketing* da sociedade de consumo que insinuam a qualquer comprador que a aquisição de determinadas marcas de produtos esteja dando acesso aos *estilos de vida dos belos e ricos nas ilhas abastecidas* desta assim chamada vila global, incentivando, sobretudo, entre os jovens a identificação com os objetos de um mundo mercadológico, ao qual, devido ao seu baixo poder de compra, têm pouco acesso. Vivenciando em seu cotidiano a realidade precária dos bairros periféricos da cidade e não dispendo dos meios materiais e simbólicos que lhes pudessem encorajar para se opor coletivamente a sua inserção subalterna na ordem vigente, estes jovens estão respondendo à sua marginalização cada vez mais com atos individuais e grupais de violência, envolvendo, em sua esmagadora maioria tanto pela parte das vítimas como pela parte dos agressores, pessoas na faixa etária de 18 a 24 anos (Mitschein, Chaves, Miranda 2006).

Trata-se de um cenário que, ao erodir progressivamente as estruturas mínimas de coesão social, é um solo fértil para a multiplicação dos moradores em situação de rua que representam a ponta do *iceberg* das mais diversas modalidades de exclusão social que castigam parcela considerável da população de Belém e Ananindeua. Além disso, considerando que neste

mesmo cenário acaba sobrando para uma expressiva parte da população jovem apenas uma "uma utopia negativa - o mito hobbesiano da guerra de todos contra todos" (Enzensberger, cit in: Mitschein, Chaves, Miranda 2006, p. 10), torna-se indispensável de definir e implementar caminhos de desenvolvimento que priorizem as potencialidades endógenas de desenvolvimento dos Municípios amazônicos. Focalizaremos esta questão no próximo capítulo.

A guisa de uma conclusão - Sobre a necessidade de fomentar a criação de uma civilização original da biomassa que prioriza as potencialidades endógenas de desenvolvimento dos Municípios amazônicos

Destacamos anteriormente que a vigente política econômica nacional não foge das imposições de um sistema econômico global que, ao forçar todos os seus *stakeholders* de *rezar o pai nosso* da competitividade sistêmica, está aprofundando a polarização social e econômica no âmbito do território nacional, deixando, conseqüentemente, a Amazônia em sua condição de refém do mencionado modelo de crescimento desequilibrado que lhe foi imposta nas últimas décadas do século passado.

Mas este cenário altamente desastroso deixa de ser uma realidade intransponível se, de acordo com Roberto Mangabeira Unger (2008, p. 1) os principais protagonistas da política nacional resolverem de enxergar a reinvenção da região como uma oportunidade para o Brasil se reorganizar no século XXI.

"Transformando a Amazônia - escreve o intelectual brasileiro - o Brasil se transformará. (...) Hoje a discussão do destino da Amazônia serve como alavanca de pressão do mundo sobre o Brasil. Pode, porém, abrir espaço para nós no mundo. Para isso, temos de mostrar como, ao reafirmar nossa soberania na Amazônia, podemos fazê-lo a serviço não só do Brasil, mas também da humanidade. **Uma iniciativa nacional a respeito da Amazônia é capaz de esclarecer e de comover o país. Presta-se a uma iniciativa de libertação nacional.** No século 19, completamos a ocupação do litoral. No século XX, avançamos para o centro-oeste. **No século XXI, reconstruiremos**

o Brasil ao reinventar a Amazônia." (Belém 2008, p. 1, destaques, os autores)

Abordando os territórios já desmatados da região - uma gigantesca massa territorial de quase 800.000 km² que ultrapassa mais de duas vezes a extensão geográfica de um país inteiro como a Alemanha reunificada - como virtual espaço de inovação, onde se deve construir "na agricultura, na pequena indústria e nos serviços um modelo econômico que não repita os erros do passado", Mangabeira Unger defende a geração de sinergias entre "indústrias de ponta, "pós-Fordistas" (que) podem produzir, de maneira, não padronizada, máquinas e insumos que a retaguarda de empreendimentos menores e mais atrasados consigam usar."(ibid. p. 4). Contudo, há de levar em conta que uma iniciativa ampla e sistemática de recuperação das áreas alteradas através de sua revitalização econômica em moldes sustentáveis, se choca frontalmente com as determinações de uma política econômica que, não obstante sua retórica anti-neoliberal, reserva a setores como educação, saúde, saneamento, ciência e tecnologia, gestão ambiental, agricultura, organização agrária e indústria menos do que 10 % do Orçamento Geral da União, mas destina mais de 40% ao pagamento de juros, amortizações e refinanciamentos da dívida pública do país. (Fatorelli 2012). No entanto, por mais que esta "brutal transferência de recursos públicos para o setor privado - nacional e internacional"(ibid. p.) esteja representando hoje um dos centrais nós górdios da política brasileira, se os principais protagonistas desta última demonstram pouca vontade para desatá-lo, é porque preferem evitar conflitos com os bancos nacionais, estrangeiros e investidores internacionais que, junto com as seguradoras, detêm 62% do estoque da dívida pública brasileira. Trata-se, sem dúvida, de uma postura entendível no âmbito de um sistema econômico global que, mesmo depois da *caída do Muro de Wallstreet* (Joseph Stieglitz) em 2008, continua sujeito aos humores de mercados financeiros que, pelo seu próprio tamanho e pelo seu baixo nível de regulação, conseguem atrelar no mundo inteiro a política às suas expectativas de rentabilidade. Mas não deixa de revelar uma predisposição perigosamente omissa, uma vez que acaba empurrando com a barriga as dramáticas mazelas sociais e ambientais que, das mais diversas

formas, estão castigando todos os territórios do Brasil. E, ainda, está negligenciando radicalmente o excepcional poder de barganha que, em princípio, a maior floresta tropical do planeta e os extraordinários serviços ambientais, suscitados por ele, podem proporcionar para o Brasil numa sociedade planetária que está cada vez ameaçada pela acelerada destruição das bases naturais de sua própria sobrevivência.

Mas como transformar este poder virtual numa realidade palpável?

No dizer de Mangabeira Unger através de uma política que faz do "soerguimento da Amazônia prioridade brasileira na primeira metade do século XXI," transmitindo com clareza de que maneira a reafirmação da soberania nacional no território amazônico servirá tanto ao Brasil como à humanidade toda. Uma política, portanto, que precisa se afirmar através do estabelecimento de uma relação mais equilibrada entre economia e ecologia que, no âmbito do trópico úmido, pressupõe a criação de uma **moderna civilização da biomassa**, capaz de matar, literalmente, dois coelhos com uma cajadada só: Ao priorizar o "uso múltiplo da biomassa terrestre e aquática como alimento humano, ração para animais, adubo verde, bioenergias, materiais de construção, fibras, plásticos, demais produtos da química verde e dos bioreferências do futuro" (Sachs 2009) acaba incentivando as potencialidades endógenas de desenvolvimento dos múltiplos espaços locais. E, pelo fato de abordar os ecossistemas ainda intactos como um renovável tesouro de insumos naturais para os mais diversos campos da reprodução humana, está justificando, de uma maneira didaticamente clara, a necessidade imperiosa de sua proteção, facilitando, assim, a "redução da velocidade do desmatamento" que, no caso brasileiro, representa o "maior potencial de mitigação do efeito estufa" (Fearnside 2003, p. 72)" e, ainda, proporciona condições para organizar trocas mutuamente benéficas entre os habitantes das reservas indígenas da Amazônia e as

populações do seu entorno no âmbito de iniciativas de reflorestamento com espécies nativas⁵.

Contudo, por mais que estejamos reconhecendo que o *mainstream* da política brasileira continua separada por distâncias enormes de uma proposta desta natureza. Encaramos a sua discussão nos mais diversos foros da sociedade civil, do setor privado e das instituições públicas como uma necessidade imperiosa e inadiável diante dos evidentes gargalos de um regime de acumulação meramente mimética que desperdiça radicalmente as potencialidades endógenas de desenvolvimento dos espaços locais em todas as regiões do território nacional, fazendo com que na maior floresta tropical deste planeta as mazelas sociais de um ambiente urbano estruturalmente excludente estejam se eternizando literalmente. Partimos do princípio de que, no Estado do Pará, a difusão desta proposta deve ser viabilizada através da construção de um denso e operativo mutirão interinstitucional no campo da educação pública, concebido com o intuito de:

- Transformar as escolas de ensino fundamental e médio em agências de (eco)desenvolvimento que, no âmbito de disciplinas como história, geografia, biologia, química ou sociologia, precisam focalizar as modalidades da ocupação histórica e recente da Amazônia, os ciclos reprodutivos dos seus ecossistemas bem como as opções sustentáveis do seu uso;
- Implantar ligações sólidas entre as escolas de nível médio com cursos técnicos e tecnológicos, focalizados, por sua vez, no aproveitamento de "todas complementaridades produtivas (entre) os campos, as pastagens, as florestas e as águas"(Sachs 2006, p. 82) nos mais diversos espaços microrregionais e, *last but not least*;
- Ampliar e fortalecer as capacidades de trabalho das universidades regionais em torno do desafio da "valorização do trinômio

⁵ Neste contexto, cabe lembrar que, em territórios de colonização antiga e recente como no nordeste e no sudeste do Estado do Pará, os últimos estoques de floresta primária se encontram justamente no *habitat* dos povos Tembé e Kayapó, onde o desmatamento e a ocorrência de incêndios são reconhecidamente bem menores do que nas áreas fora do seu perímetro. (Mitschein, Rocha, Dias 2012)

biodiversidade-biomassas-biotecnologias"(Sachs 2006, p. 393) no *continente amazônico*.

Enfim, um mutirão que promove o aproveitamento das oportunidades econômicas que o uso múltiplo da biomassa terrestre e aquática está em condições de propiciar e, ainda, está determinado para incentivar "uma leitura do mundo"(Paulo Freire) que permite entender a diversidade do meio natural e cultural como fonte indispensável da vida humana.

Referencias

Adorno, T.W.; Horkheimer, M.: A dialética do esclarecimento, Rio de Janeiro 2006

Enzensberger, H.,M.: Aussichten auf den Buergerkrieg, Frankfurt am Main 1993

Fatorelli, M.,L.: A inflação e a divida pública, in: Le Monde Diplomatique, Ano 4, Número 64, junho 2011

Fearnside, P.: A Floresta Amazônica nas Mudanças Globais, Manaus 2003

Mangabeira Unger, R.: Projeto Amazônia - Esboço De Uma Proposta, Belém 2008

Mitschein, T.,A.; Miranda, H.,R.; Paraense, M.,C.: Urbanização Selvagem e Proletarização Passiva na Amazônia, Belém 1989

Mitschein, T.,A.; Chaves,J.,F.;Miranda, H.,R.: Crescimento, Pobreza e Violência em Belém, Belém 2006

Mitschein, T.,A.; Rocha,G.;Dias, C.: Territórios Indígenas e Serviços Ambientais na Amazônia: O Futuro Ameaçada do Povo Tembé no Alto Rio Guamá (PA), Belém 2012

Mitschein, T.,A.;Chaves, J.;F.: Desenvolvimento local e o *Direito à Cidade* na Floresta Amazônica, Belém 2013

Mitschein, T.,A.; Chaves, J; Estumano, E.: O Pará no Século XXI e o Desafio da Educação Profissionalizante, Belém 2014

Morais, A.; da Costa, W.: A valorização do espaço, São Paulo 1984

Morin, E.: a VIA para o futuro da humanidade, Rio de Janeiro 2013

Relatório do Primeiro Encontro Nacional da População em Situação de Rua, realizado em 2005, Ministério de Desenvolvimento Social, Brasília

Relatório Final, Primeiro Censo Nacional e Pesquisa Amostral sobre a População em Situação de Rua, Volume 1, Instituto de Pesquisa de Opinião, Março de 2008

Rocha, G.: Estado do Pará: Divisão ou construção de um projeto de desenvolvimento territorial, in: Tesserenc, P. et al.(eds.): Coletividades Locais e Desenvolvimento Local na Amazônia, Belém 2008

Sachs,I.: Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir, São Paulo 1986

Sachs, I.: Rumo À Ecosocioeconomia. Teoria e prática do desenvolvimento, São Paulo 2006

Sachs, I.: A crise: Janela de oportunidade para os países tropicais, in Le Monde Diplomatique, Brasil, [http: UOL.com.br/2009 -02](http://UOL.com.br/2009-02)

Santos, R. História Econômica da Amazônia (1800-1920), São Paulo 1980

SUDAM: II Plano Nacional de Desenvolvimento. Programa de Ação do Governo para a Amazônia, Belém 1976

Thiollent, M.: Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária, São Paulo 1980

Toledo, G.; L.; Ovale, I., I.: Estatística Básica, São Paulo 1985

Vicente, P.: Estudos de Mercado e de Opinião. Estudos de Mercado: princípios e aplicações de amostragem 1, Sílabo 2012.



Secretaria de
Assistência Social,
Trabalho, Emprego e Renda



**GOVERNO DO
PARÁ**